

Um livro prático e convincente, que mescla aplicações práticas da filosofia ao cotidiano do século XXI de forma bem-sucedida. O livro de Weiner oferece uma forma atraente de lidar com os **ruídos** da vida moderna e olhar para o mundo com olhos e ouvidos mais atentos.

Publishers Weekly

Deslumbrante! Existem tantas razões para amar este livro... Se estiver planejando uma viagem de verão ou férias locais, este livro o levará a lugares intelectuais e bem divertidos.

San Francisco Book Review

É um livro informativo, atrevido, perspicaz e desafiador. Os leitores vão adorar a abordagem única de Weiner e suas conclusões satisfatórias.

Booklist

Livro divertido, inteligente e engajante, repleto de lições valiosas. *O Expresso Sócrates* não é uma explicação — é um convite para refletir e experienciar a filosofia filtrada pelas palavras de Weiner. Sim, trata-se de um livro sobre filosofia, mas ele também é sobre ser humano, viajar, aprender e, às vezes, sobre café.

NPR

Uma grande viagem pelo mundo da filosofia consegue ser tão boa quanto este guia. Weiner demonstra ser curioso, sincero e uma companhia generosa... "O mundo precisa de mais filósofos entusiasmados." Este livro certamente cumpre seu papel.

Kirkus Reviews

Outras Obras de Eric Weiner

A Geografia da Felicidade

Uma Viagem pelo Mundo à Procura de Deus

Onde Nascem os Gênios

Para Sharon

“Mais cedo ou mais tarde, a vida nos transforma, todos, em filósofos.”

— MAURICE RISELING

Sumário

Parte Um: Alvorada

1. Como Sair da Cama: Marco Aurélio
2. Como Pensar: Sócrates
3. Como Caminhar: Rousseau
4. Como Ver: Thoreau
5. Como Ouvir: Schopenhauer

Parte Dois: Zênite

6. Como Aproveitar: Epicuro
7. Como Prestar Atenção: Simone Weil
8. Como Lutar: Gandhi
9. Como Ser Gentil: Confúcio
10. Como Apreciar as Pequenas Coisas: Sei Shonagon

Parte Três: Crepúsculo

11. Como Não Se Arrepende: Nietzsche
12. Como Lidar: Epiteto
13. Como Envelhecer: Beauvoir
14. Como Morrer: Montaigne

Epílogo

- Desembarque
- Notas

Sobre o Autor

ERIC WEINER é jornalista premiado, autor best-seller e palestrante. Como viajante e observador filosófico, ele escreve sobre a interseção entre lugares e pensamento. Entre seus livros, estão os best-sellers *A Geografia da Felicidade* e *Onde Nascem os Gênios*, bem como as memórias espirituais *Uma Viagem pelo Mundo à Procura de Deus*, que foram traduzidos para mais de vinte idiomas. Ex-correspondente estrangeiro da NPR, é colaborador regular do *Washington Post* e da *AFAR*, entre outras publicações. Vive em Washington, D.C., com sua esposa, filha e um punhado e tanto de cães e gatos nem tão domesticáveis assim.

Agradecimentos

Sócrates acreditava que a filosofia é uma atividade coletiva. Como descobri, escrever um livro sobre ela, também. Ao longo de minhas jornadas, de Nova Déli a Nova York, amigos e estranhos me deram ideias e inspiração, apoio e auxílio. Sou profundamente grato a cada um deles.

Nos estágios iniciais de minha pesquisa, os professores da Universidade de Stanford Ken Taylor e Rob Reich gentilmente me dedicaram seu tempo e sabedoria. Mais tarde, Tim LeBon encarnou os antigos estoicos durante um almoço em Nova York, e Rob Colter concordou em me matricular no Stoic Camp, nas regiões desabitadas do Wyoming. Em Concord, Massachusetts, Richard Smith, Michael Frederick e Tom Blanding compartilharam generosamente suas ideias sobre Thoreau. Moss Roberts, professor da Universidade de Nova York, me fez ter epifanias sobre Confúcio.

Mais além, em Paris, Gunter Gorhan e Catherine Monnet compartilharam comigo suas ideias filosóficas, regadas a café *au lait* e croissants. Em Atenas, tive a sorte de repartir o pão com o sábio Brady Kiesling, além de dois epicuristas de alto nível: Christos Yapijakis e Elli Pensa. Na Suíça, Roland Kaehr me ajudou a desbravar Rousseau, e Peter Villwock, Nietzsche. Em Tóquio, o grande Junko Takahashi me concedeu orientação, traduções e boa companhia.

Autores, como filósofos, precisam de um lugar para pensar e escrever. Sou grato ao Virginia Center for the Creative Arts por me disponibilizar exatamente esse lugar. Em Nova York, David e Abby Snoddy me ofereceram gentilmente um quarto particular, acompanhado de saquê e parceria.

Meus assistentes de pesquisa, Alyson Wright e Alec Siegel, foram incansáveis em sua busca, encontrando a pessoa certa no lugar certo, e desenterrando tesouros filosóficos escondidos. John Lister e Josh Horwitz leram os primeiros rascunhos deste livro e me deram sugestões das mais proveitosas.

Não menos importante foi o apoio moral que recebi de amigos e estranhos. Meu círculo informal de amigos escritores, o Writers Who Lunch, me proporcionou uma dieta regular de coragem e curry. Os amigos Stewart Gunther, Lisa Goldberg, Laura Blumenfeld e Jacki Lyden restituíram meu equilíbrio todas as vezes que os ventos da insegurança tomaram proporções

de vendaval. Um agradecimento especial vai para meu editor búlgaro, e amigo, Neyko Genchev, por traduzir minuciosamente minhas palavras e atrair incontáveis leitores em seu canto do globo.

Meu agente, Sloan Harris, acreditou no projeto desde o início e nunca vacilou em me apoiar. Sou grato a ele por isso, assim como por seus sábios conselhos. Tenho uma dívida de gratidão com Ben Loehnen, meu editor da Simon & Schuster's Avid Reader Press, por sua fé em mim e em meu livro, e por conduzir seu olho clínico editorial com habilidade e atenção. Carolyn Kelly, da Avid Reader, conduziu meu manuscrito com mão firme pelas trincheiras editoriais. E agradeço ao presidente e editor da Simon & Schuster's, Jonathan Karp, por ser como é.

Um grande obrigado vai à minha filha, Sonya. Ela tolerou minhas ausências, bem como minhas muitas e tediosas perguntas filosóficas. Ela sempre sabe dançar conforme a música, mesmo quando a música não foi escolhida por ela. Ela é minha heroína e minha inspiração. Este livro é para ela, também.

A maioria dos filósofos não teve sorte no amor. Eu não poderia ter tido mais sorte. Minha esposa, Sharon, está a meu lado para o que der e vier. Ela leu as primeiras e ainda cruas páginas e, com seu amor e incentivo, arejou meus pensamentos inúmeras vezes. Eu não teria escrito este livro sem ela.

Embarque

Nós temos fome. Consumimos com voracidade, mas continuamos famintos.

Às vezes, sentimos a fome como uma presença tênue; em outras, quando o mundo está de ponta-cabeça, e o medo vagueia sem controle, a fome aumenta e ameaça nos consumir.

Nessa ânsia, chegamos aos smartphones. Com o toque de um dedo, acessamos todo o conhecimento humano: do antigo Egito à física quântica. Nós devoramos, mas ainda sentimos fome. Que fome é essa que não pode ser saciada?

Não queremos o que pensamos que queremos. Pensamos que queremos informação e conhecimento. Não é isso. Nós queremos sabedoria. É diferente. A informação é um caos de fatos, o conhecimento é um caos mais organizado. A sabedoria desembaraça esses fatos, dá sentido a eles e, o principal, indica a melhor forma de usá-los. Como o músico britânico Miles Kington disse: “Conhecimento é reconhecer o tomate como uma fruta. Sabedoria é não fazer uma salada de frutas com ele.” O conhecimento reconhece. A sabedoria discerne.

A diferença entre conhecimento e sabedoria não é uma gradação. Um maior conhecimento não se traduz necessariamente em maior sabedoria e, de fato, pode até nos tornar menos sábios. Podemos ter informações demais, e todas serem duvidosas.

Conhecimento é posse. Sabedoria é ação. É uma habilidade e, como tal, você pode aprendê-la. Mas requer esforço. Esperar adquirir sabedoria por acaso é como esperar que o acaso o ensine a tocar violino.

No entanto, é basicamente isso o que fazemos. Vamos tropeçando pela vida, catando migalhas de sabedoria aqui e ali. Nesse meio-tempo, ficamos confusos. Confundimos o urgente com o importante, o verborrágico com o profundo, o popular com o bom. Como diz um filósofo contemporâneo, estamos “desperdiçando nossas vidas”.

Eu também tenho fome — mais do que a maioria, suspeito, devido a uma melancolia persistente, que me assombra desde que me entendo por gente.

Ao longo dos anos, testei vários métodos para satisfazê-la: religião, psicoterapia, livros de autoajuda, viagens e um breve e infeliz experimento com cogumelos psicodélicos. Todos eles aplacaram a minha fome, mas não por muito tempo nem nunca a saciaram.

Então, em uma manhã de sábado, aventurei-me no submundo: meu porão. É lá onde coloco em quarentena os livros considerados impróprios para a sala de estar. Em meio a títulos como *The Gas We Pass*, um livro infantil sobre pum, e *Personal Finance For Dummies*, descobri o livro de Will Durant, de 1926, *A História da Filosofia*. Pesava consideravelmente, e, quando virei a capa, a nuvem de poeira também foi considerável. Limpei-o e comecei a lê-lo.

As palavras de Durant não provocaram revelações cósmicas nem nenhuma queda do cavalo a caminho de Damasco. Algo, porém, me prendeu à leitura. Não foram tanto as ideias no livro, mas a paixão com que foram apresentadas. Durant era claramente um homem apaixonado, mas por quem? Pelo quê?

“Filósofo”, do grego *philosophos*, significa “apaixonado pela sabedoria”. A definição não diz nada sobre ter sabedoria, assim como a Declaração de Independência não diz nada sobre obter felicidade. Você pode ser apaixonado por algo que não tem nem nunca terá. O que importa é a busca.

Enquanto escrevo estas palavras, estou em um trem. Em algum lugar na Carolina do Norte, ou talvez na Carolina do Sul, não tenho certeza. Em um trem, é fácil perder tanto a noção de lugar quanto a do tempo.

Eu amo trens. Mais precisamente, eu amo andar de trem. Não sou um “trenático” — um fã do setor ferroviário que se emociona ao ver, digamos, uma locomotiva diesel-elétrica SD45. Estou pouco me lixando para classificações de tonelagem e bitolas. O que amo é a experiência: a sutil combinação de expansão e aconchego que só as viagens de trem proporcionam.

Há um quê de proteção no interior dos trens. O ar aquecido, a luz quente. Os trens me transportam para um estado mais feliz e originário. Um tempo anterior à marcação de ponto, à poupança, aos planos odontológicos e ao tráfego. Um tempo anterior às Kardashians.

Minha sogra está sofrendo do mal de Parkinson em estágio avançado. É uma doença cruel, que lhe rouba habilidades e memórias. Ela já se esqueceu de muita coisa. No entanto, guarda lembranças vívidas das viagens de trem, na infância, por Nova York. De Albany para Corning e Rochester, depois de volta para Albany. As imagens, os sons e os cheiros voltam como se tivessem ocorrido ontem. Há algo nos trens que permanece conosco.

Filosofia e trens combinam muito bem. Em um trem, eu consigo parar e pensar. Não consigo fazê-lo em um ônibus. Não mesmo. Suspeito que tenha algo a ver com as diferentes sensações ou, talvez, seja uma questão de associação: os ônibus me lembram de viagens de infância à escola e ao acampamento, lugares para os quais eu não queria ir. Os trens me levam aonde quero ir e o fazem na velocidade do pensamento.

Contudo, tanto na filosofia quanto nos trens, há um tom obsoleto: partes, outrora vitais, de nosso cotidiano reduzidas a anacronismos peculiares. Hoje, poucas pessoas pegam trem se puderem evitá-lo, e ninguém estuda filosofia se os pais puderem evitar. Filosofia, como andar de trem, é algo que as pessoas faziam antes de conhecê-la melhor.

Assino uma revista chamada *Philosophy Now*. Ela chega de dois em dois meses em um envelope pardo, como pornografia. Uma manchete recente dizia: “O mundo é uma ilusão?” Outra questionava: “Verdadeiro é o mesmo que verdade?” Quando leio esse tipo de coisa para minha esposa, seu ar é de desdém. Para ela, como para muitas pessoas, artigos assim concentram o que há de errado com a filosofia. Fazem perguntas despropositadas e irrespondíveis.

A tecnologia nos incita a acreditar que a filosofia não importa mais.

Quem precisa de Aristóteles quando se têm algoritmos? Como a tecnologia digital é excelente para responder às perguntas instrumentais da vida — onde acho o melhor burrito em Boise? Qual é o caminho mais rápido para o escritório? —, presumimos que também seja para as profundas. Não é. A Siri pode brilhar encontrando uma associação de burritos, mas pergunte como aproveitá-los melhor, e ela terá um branco.

Ou considere uma viagem de trem. A tecnologia e seu amo, a ciência, podem dizer a velocidade do trem, seu peso e massa, e por que o Wi-Fi a bordo fica cortando. Mas a ciência não pode lhe dizer se você deve pegar o trem para o reencontro do pessoal da faculdade ou para visitar aquele tio

que sempre o aborrece, mas que agora está gravemente doente. Ela não pode lhe dizer se é eticamente aceitável puxar a orelha da criança aos berros que está chutando seu assento. A ciência não pode lhe dizer se a vista da janela é bonita ou clichê. A filosofia também não, não de forma categórica, mas pode ajudá-lo a ver o mundo sob uma ótica diferente, e isso é de uma relevância desmedida.

Na livraria próxima da minha casa, há duas seções em particular: “Filosofia” e, ao lado, “Transformação pessoal”. Na Barnes & Noble da antiga Atenas, elas seriam uma. Filosofia *era* transformação pessoal. Filosofia era prática. Filosofia era terapia. Remédio para a alma.

A filosofia é terapêutica, mas não da mesma forma que uma massagem com pedras quentes. Filosofia não é fácil. Não é algo que se faz porque é legal. Não é paliativa. É menos spa e mais ginásio.

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty chamou a filosofia de “reflexão radical”. Gosto de como ele infunde na filosofia o atrevimento e o cheiro de perigo que ela merece. Os filósofos captaram o imaginário do mundo. Eles eram heroicos. Estavam dispostos a morrer por sua filosofia, e alguns, como Sócrates, o fizeram. Agora, tudo o que é heroico sobre a filosofia é a luta épica por posições acadêmicas.

Hoje, a maioria das escolas não ensina filosofia. Fala *sobre* algumas filosofias. Não ensina os alunos a filosofar. A filosofia é diferente das outras matérias. Não é um corpo de conhecimento, mas uma forma de pensar — uma forma de estar no mundo. Não é um “o quê” nem um “por quê”, mas um “como”.

Como. Essa palavra não tem muito respeito nos nossos dias. No mundo literário, livros sobre o “como” são um embaraço — o primo bem-sucedido, mas grosseiro. Escritores sérios não os escrevem, e leitores sérios não os leem. (Pelo menos, não admitem.) A maioria de nós, porém, não perde o sono imaginando: “Qual é a essência da realidade?” ou “Por que há a existência, em vez do nada?”. É uma pergunta do tipo “como” — como viver? — que nos agarra e não solta.

A filosofia, diferentemente da ciência, não apenas descreve o mundo como é, mas como *poderia ser*, abrindo nossos olhos para a possibilidade. O autor

Daniel Klein disse, sobre o filósofo grego Epicuro, o que se pode dizer de todos os bons: leia-o não tanto como filosofia, mas como “lirismo transformador”.

Passei os últimos anos absorvendo esse lirismo, lentamente, na velocidade do pensamento, aconchegado em um assento na janela de um trem. Peguei trens onde e quando foi possível. Viajei para os lugares onde alguns dos maiores pensadores da história pensaram. Enfrentei o Stoic Camp, em Wyoming, e a burocracia do Indian Railways, em Déli. Peguei o trem F da cidade de Nova York mais vezes do que qualquer um deveria. Essas jornadas eram minhas folgas, a chance de relaxar as pernas, e a mente, entre as ações filosóficas. Elas me davam uma suspensão, no melhor sentido da palavra.

Busque “filósofos” no Google e encontrará centenas, talvez milhares deles. Escolhi quatorze. Como? Minuciosamente. Todos são sábios, embora cada um à sua maneira. São diferentes tipos de sabedoria. Eles cobrem um vasto período — Sócrates viveu no século V a.C.; Simone de Beauvoir, no XX — e um vasto espaço: da Grécia à China, da Alemanha à Índia. Todos os quatorze estão mortos, mas bons filósofos nunca morrem de fato; eles vivem na mente dos outros. A sabedoria é portátil. Ela transcende o espaço e o tempo, e nunca fica obsoleta.

Minha lista inclui muitos europeus, mas não exclusivamente. O Ocidente não detém o monopólio da sabedoria. Alguns deles, como Nietzsche, foram notadamente prolíficos. Outros, como Sócrates e Epiteto, não escreveram uma única palavra. (Felizmente, seus alunos o fizeram.) Alguns alcançaram uma grande fama em suas vidas. Outros morreram no anonimato. Alguns você reconhece como filósofos; outros, como Gandhi, você provavelmente não considera assim. (Ele era.) Alguns nomes, como Sei Shonagon, autora e dama da corte da imperatriz japonesa Teishi, podem ser novos para você. Tudo bem. Meus critérios, antes de tudo, resumiram-se a pensadores apaixonados pela sabedoria e cuja paixão era contagiante.

Geralmente, pensamos nos filósofos como mentes descorporificadas. Não é o caso aqui. Eles eram de carne e osso e ativos. Foram andarilhos e montaram cavalos. Travaram guerras, beberam vinho e fizeram amor. E

foram, como homens e mulheres, filósofos práticos. Não era o sentido da vida que lhes interessava, mas viver uma vida com sentido.

Eles não foram perfeitos. Tiveram seus tropeços. Sócrates ficava entorpecido por horas. Rousseau ostentou suas nádegas em público em mais de uma ocasião. Schopenhauer conversava com seu poodle. (Nem me deixe começar a falar de Nietzsche.) E por aí vai. A sabedoria raramente veste um terno de grife, embora nunca se saiba.

Sempre precisamos da sabedoria, mas precisamos de diferentes tipos dela, em diferentes estágios de nossas vidas. Perguntas “como” que são importantes para uma pessoa de 15 anos de idade não são relevantes para uma de 35 — ou para uma de 75. A filosofia tem algo vital a dizer sobre cada etapa.

Essas etapas, estou percebendo, passam voando. Muitos de nós nos deixamos levar, entupindo nossas mentes com o trivial e o tolo, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Nós não temos. *Eu não tenho*. Considero que estou na meia-idade. Minha filha adolescente, que é um ás em matemática, apontou recentemente que, a menos que eu viva até os 110 anos, tecnicamente não tenho *meia* idade.

Portanto, apesar do trem lento em que viajo enquanto escrevo estas palavras, um senso de urgência impulsiona minha caneta. É a urgência de quem não quer morrer sem ter vivido. A vida não é um problema para mim, não exatamente, mas sinto a corrente apertada do tempo no meu pescoço, e ela se aperta a cada dia. Quero — não, preciso — saber o que importa e o que não importa, antes que seja tarde demais.

“Mais cedo ou mais tarde, a vida nos transforma, todos, em filósofos”, disse o pensador francês Maurice Riseling.

Quando li essas palavras pela primeira vez, há vários anos, o mundo era um lugar mais feliz. Pandemias eram matéria de livros de história e de roteiros de Hollywood. Ainda assim, as palavras de Riseling me comoveram, porque, mesmo naquela época, eu já tinha uma suspeita persistente de que estava vivendo mal.

De modo impulsivo, e com uma presciência incomum, pensei: “Por que esperar?” Por que esperar até que a vida se torne um problema para mim? Por que não deixar a vida fazer de mim um filósofo hoje, agora, enquanto ainda há tempo?

PARTE UM

ALVORADA

1.

Como Sair da Cama: Marco Aurélio

7h07. Em algum lugar da Dakota do Norte. A bordo do Empire Builder, da Amtrak, deixando Chicago, a caminho de Portland, Oregon.

A luz da manhã vai, devagarinho, invadindo minha cabine. Eu gostaria de dizer que me acordou aos poucos, mas a verdade é que não dormi. Minha cabeça parece prestes a explodir. Uma dor inclemente se irradia das têmporas para o resto do meu corpo. Uma névoa espessa e tóxica nubla meu cérebro. Eu deitei, mas não descansei.

Quando se trata de dormir, existem dois tipos de pessoas. A primeira vê o sono como uma interrupção incômoda da vida, uma inconveniência. A segunda o considera um dos prazeres legítimos da vida. Estou na última categoria. Tenho poucas regras cabais, mas uma é a seguinte: não mexa com meu sono. O Amtrak fez isso, e não gostei nem um pouco.

Como a maioria dos relacionamentos, o que há entre viajar de trem e dormir é complicado. Sim, o balanço me fez dormir, mas outras sensações cinéticas — incluindo, entre outras, o Solavanco Lateral, a Sacudida Repentina e as Guinadas Ondulantes (que lembram a “Ola” nas arenas esportivas) — logo me fizeram acordar repetidamente durante a noite.

O sol me ordena sair da cama com toda a doçura de um sargento. Nossos demônios não nos assombram à noite. Eles nos atacam pela manhã. Estamos mais vulneráveis quando acordamos, pois é quando a memória de quem somos e de como chegamos aqui retorna.

Viro para o lado, me enrolando no cobertor azul-claro da Amtrak. Claro, eu poderia me levantar — realmente poderia —, mas por que me preocupar?

“Bom dia a todos!”

Cochilei, mas fui despertado, não por um Solavanco Lateral ou por uma Ola, mas por uma voz. É límpida e animada.

Quem é esta criatura?

“Sou a Senhorita Oliver, sua atendente do vagão-restaurante. O café já começou e está sendo servido. Mas, se quiser o serviço da Senhorita Oliver, deve sempre usar sapatos, camisas... e gentileza!”

Valha-me Deus! Não há como voltar a dormir agora. Pego a mochila e procuro um livro, tomando cuidado para tirar o cobertor. Aí está. *Meditações*. Um volume fino. Não mais que 150 páginas com margens generosas. A sobrecapa mostra a serenidade no olhar de um homem barbudo e musculoso montado em um cavalo. Seus olhos possuem o poder silencioso de alguém sem nada a provar.

Marco Aurélio, imperador romano, comandou um exército de quase meio milhão de homens e governou um império que compreendia um quinto da população mundial e se estendia da Inglaterra ao Egito, das margens do Atlântico às do Tigre. Mas Marco (vamos ficar com o primeiro nome) não era uma pessoa matutina. Ele ficava na cama, e fazia a maior parte do seu trabalho à tarde, após uma sesta. Essa rotina conflitava com a de seus colegas romanos, cuja maioria se levantava antes da alvorada. Nas ruas de Roma, crianças de olhos turvos caminhavam para a escola no amanhecer ainda escuro. Marco, graças à sua formação de elite, estudara em casa. Ele podia dormir. E o fez, por boa parte da vida.

Marco e eu não parecemos ter muito em comum. Séculos nos separam, sem mencionar um considerável diferencial de poder. Marco governava um império que cobria uma área igual à quase metade dos Estados Unidos continentais. Eu controlo uma área que cobre aproximadamente metade da minha mesa, e, verdade seja dita, até isso é uma luta. Estou sempre contendo motins de cartões de visita rebeldes, avisos de assinatura de revistas, pelos de gato, o próprio gato, sanduíches de atum de três dias atrás, bugigangas budistas, canecas, edições passadas de *Philosophy Now*, o cachorro, formulários, o gato mais uma vez e, por razões que desafiam nossa vã filosofia, já que moro a 240km do oceano mais próximo, areia.

No entanto, leio Marco, e essas diferenças se dissolvem. Somos irmãos, Marco e eu. Ele, dirigindo um império e lutando contra seus demônios; e eu, alimentando o gato e lutando contra os meus. Temos um inimigo em comum: manhãs.

As manhãs dão o tom do dia. Dias ruins decorrem de manhãs ruins. Nem sempre, mas mais para sim do que não. Sob as cobertas de uma manhã fria e cinzenta de segunda-feira, o status e os privilégios não contam. A riqueza, tão útil em outros aspectos da vida, é inútil. No máximo, a riqueza conspira com o edredom para manter você na horizontal.

As manhãs provocam emoções poderosas e conflitantes. Por um lado, cheiram a esperança. Todo amanhecer é um renascimento. Ronald Reagan não fez campanha com o slogan “Entardecer na América”. Foi sua promessa de “Alvorecer na América” que o jogou na Casa Branca. Da mesma forma, grandes ideias não nos vêm ao cair da noite, mas ao raiar do dia.

Para alguns de nós, porém, as manhãs cheiram a desespero em ebulição. Se você não gosta da sua vida, é provável que não goste da manhã. Manhãs estão para uma vida infeliz como as cenas de abertura dos filmes *Se Beber, Não Case*: uma prévia do horror iminente.

As manhãs são um período de transição, e as transições nunca são fáceis. Estamos deixando um estado de consciência, o sono, e entrando em outro, de vigília. Em termos geográficos, as manhãs são as fronteiras da consciência. O Oiapoque ou Chuí da mente. Desorientadoras, com vagas sinalizações de perigo.

Os filósofos estão tão divididos quanto às manhãs como em todo o resto. Nietzsche acordava na primeira hora do dia, jogava água fria no rosto, bebia um copo de leite morno e trabalhava até as 11h. Immanuel Kant fazia Nietzsche parecer preguiçoso. Acordava às 5h, o céu de Königsberg ainda um breu, bebia uma xícara de chá aguado, fumava um cachimbo — apenas um, nunca mais que isso — e começava a trabalhar. Simone de Beauvoir, que Deus a abençoe, não acordava antes das 10h e ficava no café espresso. Marco, infelizmente, não teve esse luxo: nasceu cerca de 1.200 anos antes da descoberta do café.

O suicídio, disse o existencialista francês Albert Camus, é o “único problema filosófico realmente sério”. Vale a pena viver ou não? O resto era perfumaria metafísica. Simplificando: se não há filósofo, não há filosofia.

A proposta de Camus é lógica, mas, em minha opinião, incompleta. Após lutar com a questão sobre o suicídio e concluir que vale a pena viver (*por enquanto*; as conclusões existenciais são sempre contingentes), você se depara com uma pergunta ainda mais irritante: devo sair da cama? Este, acredito, é o único problema filosófico realmente sério. Se uma filosofia não consegue nos tirar das cobertas, de que serve?

A Grande Questão da Cama, como todas as grandes questões, na verdade, engloba muitas questões disfarçadas de uma. Vamos puxar o edredom e examiná-la. Em certo sentido, nos perguntamos se *podemos* sair da cama. A menos que esteja inválido, a resposta é: sim, você pode. Também nos perguntamos se é benéfico sair da cama e, principalmente, se *devemos*. É aí que fica complicado.

O filósofo escocês David Hume pensou muito sobre esse tipo de pergunta, embora raramente na cama. Ele dividia todas as perguntas em duas partes: um “é” e um “deveria”. A parte “é” é observacional. Observamos, sem julgamento, os benefícios empíricos de sair da cama: aumento do fluxo sanguíneo, por exemplo, e potencial de obter renda.

A parte “deveria” contém um julgamento moral. Não se refere a quais são os benefícios de sair da cama, mas por que *devemos* fazê-lo. Hume achava que pulamos muito rapidamente do “é” para o “deveria”. Um “dever” moral nunca decorre diretamente de um “é” factual. (É por isso que o “problema do ser-dever” também é conhecido como “guilhotina de Hume”, pois ele desliga o “ser” do “dever”, insistindo em que há uma lacuna entre os dois). Desviar o dinheiro de seu empregador provavelmente é uma atitude que levará a resultados negativos; portanto, você não *deve* fazê-lo.

Não necessariamente, diz Hume. Você não pode passar de uma declaração de fato para uma de ética. Sair da cama pode ser saudável e lucrativo, mas isso não significa que devemos “fazê-lo”. Talvez não desejemos ter um melhor fluxo sanguíneo e um maior potencial de ganhar dinheiro. Talvez gostemos muito bem de ficar aqui, debaixo das cobertas. É esse incômodo “dever” que, penso, explica nossa situação embaraçosa. Achamos que temos que sair da cama e que, se não o fazemos, há algo de errado conosco.

Levantar ou não levantar? Sob as cobertas, impulsos agasalhados e no aconchego competem com o vigor de um diálogo socrático ou de um noticiário a cabo. O argumento para ficar na cama é forte. É um lugar quente e seguro; não como um útero, mas quase. A vida é boa, e ninguém menos que Aristóteles disse que a boa vida era tudo o que importava. Por outro lado, está frio *lá fora*. Coisas ruins acontecem. Guerras. Pandemias. Música chiclete.

Ao que parece, ficar na cama tem larga vantagem. No entanto, nada na filosofia é estanque. Sempre há um “mas”. Sistemas filosóficos inteiros,

superestruturas cognitivas, obeliscos imponentes de pensamento foram construídos sobre este único monossílabo: mas.

Mas a vida lá fora acena. Nosso tempo neste planeta é pouco. Queremos realmente gastá-lo deitados? Claro que não. A força vital, pulsando em nossas veias cansadas, é poderosa o suficiente para arrancar da cama um homem de meia-idade, um pouco acima do peso, mas não obeso. Não é?

Essa conversa, de alguma forma, pode estar ocorrendo sob as cobertas, desde que haja cobertas e pessoas a se esconderem sob elas. Fizemos avanços significativos desde o tempo dos romanos, mas a Grande Questão da Cama permanece, essencialmente, inalterada. Ninguém está imune. Presidente ou lavrador, chef célebre ou barista do Starbucks, imperador romano ou escritor neurótico, todos estamos sujeitos às mesmas leis da inércia. Estamos todos em repouso, esperando uma força externa agir sobre nós.

Fecho os olhos e Marco se materializa, tão real quanto o copo descartável de isopor na beira da minha cama minúscula. Posso imaginá-lo abrigado em sua barraca particular no acampamento romano ao longo do rio Gran, um afluente do Danúbio. Imagino que o dia esteja frio e úmido, e seu ânimo não é dos melhores. A guerra não está indo bem. As tribos germânicas emboscaram as linhas de suprimentos romanas. O moral entre as tropas é baixo, e quem pode culpá-los? Mais de 50 mil soldados romanos foram mortos.

Sem dúvida, Marco sentiu falta de Roma. Particularmente de sua esposa, Faustina, amorosa, ainda que nem sempre fiel. A década anterior não fora fácil, marcada pelas irritantes tribos germânicas e por uma revolta do ardiloso Cassio, abortada. Depois, havia os filhos. Faustina pariu, pelo menos, treze. Menos da metade sobreviveu à infância.

Marco era uma raridade: um rei-filósofo. O que levou o homem mais poderoso do mundo a estudar filosofia? Como imperador, ele poderia ou não estudá-la, a seu bel-prazer. Por que dedicar um tempo da agenda lotada para ler os clássicos e refletir sobre as vicissitudes da vida?

Os primeiros anos de Marco dão uma pista. Ele teve o tipo mais raro de infância: a feliz. Apaixonado por livros, preferia ler a ir ao circo. Essa tendência o colocou em uma minoria distinta de alunos romanos.

Mais tarde, apaixonado pelo modo de vida grego, dormia no chão duro, coberto apenas com um *pallium*, uma manta surrada típica dos filósofos, até que sua mãe o repreendeu e insistiu que desistisse dessa “bobagem” e dormisse em uma cama decente.

Os romanos viam a filosofia grega da mesma maneira que a maioria de nós vê a ópera: como algo digno e bonito, a que deveríamos ir com mais frequência, mas que é difícil de usufruir; e, além disso, quem tem tempo? Os romanos gostavam mais da ideia da filosofia do que da filosofia em si. Isso tornou Marco um filósofo duvidoso. Mesmo como imperador, as pessoas riam às suas costas.

Marco se tornou imperador por acidente. Ele nunca desejou o cargo. Seu antecessor, Adriano, foi responsável por eventos que levaram Marco a ser coroado imperador, em 161 a.C. Ele estava com 40 anos.

Marco teve um período de calma. Durou seis meses. Então veio uma inundação mortal, a praga e as invasões. Fora as guerras, Marco tinha relativamente pouco sangue nas mãos. Foi a prova viva de que o poder absoluto nem sempre corrompe por inteiro. Marco costumava proferir sentenças brandas para desertores e outros infratores da lei. Quando o império enfrentou uma crise financeira, leiloou itens imperiais — mantos, taças, estátuas e pinturas —, em vez de aumentar os impostos. E, em um ato que considero particularmente tocante, decretou que todos os artistas que andavam na corda bamba, geralmente meninos, deveriam colocar colchões grossos e macios por baixo.

Marco demonstrava uma grande coragem na guerra, mas, como diz o biógrafo Frank McLynn, seu feito mais corajoso foram “os constantes esforços para conter seu pessimismo natural”. Eu me identifico. Também luto contra as forças da negatividade, sempre planejando me recrutar. Para nós, aspirantes a otimistas, um copo meio vazio é melhor do que nenhum copo ou um que se partiu em cem lascas e perfurou uma artéria. É tudo uma questão de perspectiva.

Marco tinha problemas para dormir. Ele sofria de dores indeterminadas no peito e no estômago. Seu médico, um homem arrogante, mas talentoso, chamado Galen, havia lhe prescrito teriaga (possivelmente, com ópio) para ajudá-lo a dormir.

Marco, como eu, aspirava ser uma pessoa matutina. Uma grande lacuna, no entanto, separa quem realmente é matutino de quem quer ser. Deitado aqui, agora, sentindo o balanço suave do trem, o cobertor da Amtrak quente, penso que essa lacuna é intransponível.

Você pensa que nada poderia ser mais fácil. Coloque um pé no chão, depois, o outro. Levante-se. Mas não consigo chegar à vertical. Nem mesmo à diagonal. O que há de errado comigo? Ajude-me, Marco.

Meditações é diferente de qualquer livro que já li. Na verdade, nem é um livro. É um conclave. Um compêndio de lembretes e conversas revigorantes. Bilhetes romanos de geladeira. O que Marco Aurélio mais temia não era a morte, mas o esquecimento. Ele se lembra, o tempo todo, de viver plenamente. Marco não tinha intenção de publicar suas notas. Elas foram feitas para uso pessoal. Você não lê Marco: mais exatamente, você o bisbilhota, escuta-o sorrateiramente.

Eu gosto do que ouço. Gosto da honestidade de Marco. Gosto de como ele se desnuda nas páginas, expondo seus medos e vulnerabilidades. Nelas, o então homem mais poderoso do mundo confessa insônia e ataques de pânico e, na melhor das hipóteses, um desempenho desleixado como amante. (“Ele deposita seu esperma e se vai”, é assim que descreve a cópula.) Marco nunca perdeu de vista o preceito estoico de que toda a filosofia começa com a consciência de nossas fraquezas.

Marco não constrói um grande sistema filosófico a ser atacado por gerações de pós-graduandos. Essa é a filosofia como terapia, na qual Marco desempenha o papel de terapeuta e o de paciente. *Meditações* é, como observa o tradutor Gregory Hays, “um livro de autoajuda, no sentido mais básico”.

Veza após veza, Marco se exorta a parar de pensar e a agir. Pare de descrever um bom homem. Seja um. A diferença entre filosofar e falar sobre filosofia é a diferença entre beber o vinho e falar sobre ele. Um único gole de um bom Pinot Noir lhe diz mais sobre uma safra do que anos de estudos rigorosos de enologia.

As ideias de Marco não se materializaram, simplesmente. Nenhum filósofo faz isso. Ele era um estoico, mas não exclusivamente. Bebeu de outras fontes:

Heráclito, Sócrates, Platão, dos cínicos e dos epicuristas. Marco, como todos os grandes filósofos, era um carnicheiro da sabedoria. O que importava era o valor de uma ideia, não a fonte.

Ler *Meditações* é testemunhar um ato de filosofia em tempo real. Marco transmite seus pensamentos ao vivo, sem censura. É assistir a “alguém em processo de treinamento para se tornar um ser humano”, como coloca o classicista Pierre Hadot.

Várias entradas de *Meditações* começam assim: “Quando você tiver problemas para sair da cama...” Enquanto leio, mais adiante, me ocorre que grande parte do livro é um tratado secreto sobre a Grande Questão da Cama. Não apenas sobre como sair da cama, mas sobre *por que se preocupar?* A pergunta de Camus repousava no conforto de um edredom. Marco se espreme entre pontos de vista opostos, se debatendo.

“Do que tenho que reclamar, se farei aquilo que nasci para fazer — as coisas que me trouxeram ao mundo?”

“Ou foi para isso que fui criado? Encolher-me debaixo dos cobertores e ficar aquecido?”

“Mas é confortável aqui.”

“Então você nasceu para se sentir ‘confortável’? Em vez de fazer as coisas e experimentá-las?”

Vai e volta. É o Hamlet das cobertas. Ele sabe que há grandes feitos a serem conquistados, grandes pensamentos a serem pensados.

Se ele conseguisse sair da cama.

“Boooooom diiiiiaaaaa, passageiros. Não adianta se esconder, estou vendo vocês. O café ainda está sendo servido!”

Senhorita Oliver está de volta, mais animada do que nunca.

É isso. Agora, estou pensando seriamente em sair da cama. A qualquer minuto. Examino meu copo de café de isopor e percebo pitadas da sabedoria da Amtrak: “Mude sua forma de ver o mundo”, e, do outro lado, “Sinta o sabor de um mundo melhor”. Não é exatamente erudito, convenhamos, mas essa simplicidade pueril é encantadora.

Sonya, minha filha de 13 anos, gosta tanto de dormir quanto eu. “Eu me identifico como um ser humano preguiçoso”, anunciou um dia. Tentar

arrancá-la da cama nas manhãs de segunda a sexta exige uma tropa não vista desde a Normandia. No entanto, nos fins de semana e nos dias de neve, ela ganha vida sem ajuda. Quando perguntei sobre essa discrepância, explicou, filosoficamente: “É a atividade que tira você da cama, não o despertador.”

Ela está certa. Quando luto para sair da cama, não é a cama que é minha inimiga, nem mesmo o mundo lá fora. São minhas projeções. Deitado, debaixo das cobertas, imagino um mundo hostil determinado a me atacar. Assim como Marco. É verdade que seu mundo apresentava bárbaros beligerantes, pragas e revoltas no palácio. Mas obstáculos são relativos. A mesa bagunçada de um é a invasão de brutamontes de outro.

O maior obstáculo, talvez, sejam as outras pessoas. Marco não vai tão longe quanto o filósofo francês Jean-Paul Sartre, autor da famosa declaração: “O inferno são os outros”, mas se aproxima. “Quando você acordar, diga a si mesmo: As pessoas com quem lidará hoje serão intrometidas, ingratas, arrogantes, invejosas e mal-humoradas.” Pouco mudou desde os dias de Marco.

Marco sugeriu lidar com pessoas difíceis tirando-lhes o poder que têm. Revogue a licença delas sobre sua vida. Elas não podem machucá-lo, pois “nada que se passa na mente de outra pessoa pode fazê-lo”. Claro. Por que me importo com o que os outros pensam, quando o pensamento, por definição, ocorre somente dentro das mentes *delas*, não da minha?

Sempre suspeitei que, no âmago da minha incapacidade de sair da cama, exista uma insidiosa autoaversão, algo que não consigo reconhecer completamente. Marco, mais corajoso que eu, o fez. “Você não se ama o suficiente”, diz ele, e parece à beira da autocompaixão quando, uma ou duas páginas depois, ataca novamente: “Chega dessa lamentação miserável, vida de gado...” Você poderia ser bom hoje. Mas escolheu fazê-lo amanhã. Ele guarda as farpas mais afiadas para seu egoísmo declarado. “Quando me deito na cama, como faço agora, penso apenas em mim.” Permanecer sob as cobertas é, em última análise, um ato egoísta.

Essa percepção fazia Marco se mexer. Ele tinha o dever de sair da cama. “Dever”, não “obrigação”. Há uma diferença. O dever vem de dentro; a obrigação, de fora. Quando agimos por um senso de dever, o fazemos voluntariamente para chegarmos, e levarmos outros, mais alto. Quando

agimos por obrigação, o objetivo é nos proteger, e somente a nós mesmos, das repercussões.

Marco entendia essa distinção; mas, com frequência, precisava se lembrar dela. “Ao amanhecer, quando for difícil sair da cama, diga a si mesmo: “Tenho que ir trabalhar — como ser humano.” Não como estoico ou imperador, ou mesmo um romano, mas como ser humano.

“Olá, caros passageiros! Senhorita Oliver aqui. Eu disse que o vagão do café está aberto? Estou ansiosa para conhecer todos vocês!”

É isso. Estou saindo da cama.

Tiro a manta da Amtrak, que oferece pouca resistência. Fico de pé. O que, me pergunto, foi toda essa ladainha lamentável e cruel de reflexões sobre mim mesmo? Isso não foi nada.

Estou prestes a comemorar minha pequena, mas decisiva, vitória sobre a gravidade, quando um Solavanco Lateral — ou, talvez, uma Sacudida Repentina, não tenho certeza — me derruba, e volto para a cama.

É esta a parte inconveniente da Grande Questão da Cama. Não basta respondê-la uma vez. É como ir à academia ou a parentalidade. Requer esforços repetidos e regulares.

“Olá, senhoras e senhores. Senhorita Oliver de novo!”

Puxo as cobertas, decidido. Mais cinco minutos, digo a mim mesmo. Só mais cinco minutinhos.

2.

Como Pensar: Sócrates

10h47. A bordo do trem n° 1311, deixando Kiato, a caminho de Atenas.

Linha de pensamento. Uma expressão descartável e clichê, mas boa. Cada um de nossos pensamentos está conectado aos próximos, como vagões em um trem de carga. Eles dependem um do outro para o impulso seguinte. Todo pensamento, seja sobre sundaes ou fusão nuclear, é impulsionado pelo anterior e puxado pelo próximo.

Sentimentos também viajam em trens. Minhas crises periódicas de melancolia parecem vir do nada, mas, quando paro e investigo sua origem, descubro uma causalidade oculta. Minha tristeza foi desencadeada por um pensamento ou sentimento anterior, desencadeado por um anterior, desencadeado por algo que minha mãe disse em 1982. Sentimentos, como pensamentos, nunca surgem do nada. Sempre há uma locomotiva puxando-os.

Peço um bolo e café, e minha linha de pensamento se apazigua. Penso e não sinto nada. Não estou entorpecido, não exatamente. Não sinto felicidade, nem tristeza, nem nada do vasto espectro entre ambas. Estou vazio, em um sentido bom. Embalado pelo balanço suave do trem, tão diferente do Amtrak, saboreando meu café, não apenas o sabor, mas também o modo como a caneca, quente e pesada, se aninha nas minhas mãos, minhas ansiedades tiram férias. Observo os telhados vermelhos e o mar azul jônico deslizando como se eles, não eu, estivessem se movendo. Olho pela janela, para nada em particular, e me questiono.

Questionar-se. Uma palavra simples, mas que contém as sementes de toda a filosofia e muito mais. Todas as grandes descobertas e epifanias pessoais começaram com este verbo reflexivo: questionar-se.

Raramente, uma ou duas vezes na vida, com sorte, você se depara com uma frase tão inesperada, que faz tanto sentido, que o tira dos eixos. Encontrei esta frase escondida em um livrinho peculiar, *O Coração da Filosofia*, de Jacob Needleman. Digo peculiar porque, na época, eu não sabia que a filosofia tem coração. Achava que tudo se resumia à cabeça.

Aqui está a frase: “Nossa cultura geralmente resolve seus problemas sem viver suas perguntas.”

Larguei o livro e revirei as palavras em minha mente. Eu sabia que elas continham uma verdade importante, mas não sabia qual. Fiquei confuso. Como alguém vive perguntas? E o que há de errado em resolver problemas?

Semanas depois, me vi sentado em frente ao homem que escreveu aquela frase profunda e desconcertante. Jacob Needleman é professor de filosofia da Universidade Estadual de São Francisco. A idade diminuiu seu andar. Sua voz ficou rouca, sua pele, fina como papel crepom, mas sua mente permanece ágil. Jacob pensa antes de falar e, diferentemente da maioria dos professores de filosofia, usa palavras prosaicas. Palavras como “pergunta” e “viver”. A maneira como as combina, no entanto, é tudo, menos prosaica.

Enquanto nos sentamos em seu deck com vista para as colinas de Oakland, tomando chá Earl Grey e água com infusão de limão, pergunto a Needleman, utilizando várias palavras cujo sentido é: Você está “variando”? Nós fazemos perguntas. Às vezes, propomos perguntas. Podemos lutar com perguntas. Nós não as *vivemos*. Nem mesmo na Califórnia.

Needleman permanece calado. Por muito tempo. Por tanto tempo que temo que tenha cochilado. Finalmente, ele se mexe e fala com uma voz tão baixa que preciso me aproximar mais para ouvir.

“É raro, mas possível. Sócrates viveu perguntas.”

Claro. O inescrutável e fatal Sócrates. Santo padroeiro da filosofia. Rei das Perguntas. Sócrates não inventou as perguntas, mas alterou a maneira de as fazermos e, por sua vez, as respostas que produzem. Você pensa e age de maneira diferente por causa de Sócrates, mesmo que não saiba nada sobre ele.

Sócrates não é um homem fácil de se conhecer. Empoleirado tão alto no pedestal que erguemos para ele, mal é visível. Apenas um pontinho. Uma ideia, e confusa.

Isso é uma vergonha. Sócrates não era um pontinho. Não era uma ideia. Ele era um homem. Um homem que respirava, caminhava, defecava, fazia amor, assoava o nariz, bebia vinho e contava piadas.

Um homem feio, também. O homem mais feio de Atenas, dizia-se. Seu nariz era largo e achatado; os lábios, cheios e grossos; a barriga, grande. Ele era careca. Tinha olhos de crocodilo, amplamente espaçados, que o dotavam de uma boa visão periférica. Sócrates podia ou não saber mais do que os

outros atenienses (ele insistia que não sabia de nada), mas, definitivamente, viu mais do que todos eles.

Sócrates comia pouco, raramente tomava banho e sempre usava as mesmas roupas surradas. Andava descalço por toda parte, mesmo no auge do inverno, e com uma marcha estranha, em algum lugar entre desleixo e presunção. Podia passar dias sem dormir, beber sem ficar bêbado. Ele ouvia vozes — bem, só uma. Ele a chamou de *daemon*. “Isso começou quando eu era criança”, explicou durante seu julgamento por acusações de impiedade e corrupção da juventude de Atenas. “É uma voz que, sempre que fala, me afasta de algo que estou prestes a fazer, mas nunca me incentiva a fazer nada.”

Olhadas em conjunto, a aparência peculiar e as idiossincrasias de Sócrates o tornavam de outro mundo. “Ele parece ter chegado à ‘grande conversação’ da humanidade como um forasteiro, como se fosse de outro planeta”, diz o filósofo contemporâneo Peter Kreeft.

Isso se aplica, acredito, a todos os filósofos. Eles possuem uma alteridade que beira ao alheamento. Até Marco, imperador romano, parecia deslocado. Diógenes, um dos fundadores do cinismo, foi a epítome da excentricidade. Vivia em um barril, se masturbava em público e, em geral, traumatizava os cidadãos de bem da antiga Atenas.

Essa alteridade, talvez até o show público de masturbação, faz sentido. A filosofia tem tudo a ver com questionar pressupostos, balançar o barco. Comandantes raramente balançam os próprios barcos. Eles têm muito a perder. Os filósofos, não. Eles são forasteiros. Alienígenas.

Sócrates era adepto da “Sabedoria Disparatada”. Encontrada em tradições tão distintas quanto o budismo tibetano e o cristianismo, a Sabedoria Disparatada se vale da premissa de que o caminho para a sabedoria é tortuoso. Precisamos do zigue antes do zague.

A Sabedoria Disparatada acarreta desprezar as normas sociais e se arriscar ao ostracismo ou, pior, abalar o entendimento dos outros. A terapia de choque original. Ninguém gosta de ficar chocado, e tendemos a tachar os adeptos da Sabedoria Disparatada mais de loucos do que de sábios. Eis como Alcibíades, aluno de Sócrates, o descreveu: “Ele falava de burros de carga e ferreiros, sapateiros e curtidores, e parecia sempre se repetir, então, para aqueles que não estavam acostumados com seu estilo e que não pegavam as

coisas rápido, era difícil não considerá-lo como alguém sem noção.” No entanto, Alcibíades conclui, dedique um tempo para ouvir Sócrates com atenção e perceberá que se trata de tudo, menos bobagem. “Aquelas palavras”, falou, “eram quase a fala de um deus”.

Enquanto serve outra xícara de Earl Grey, Jacob Needleman me conta sobre a primeira pergunta que viveu. Ele lembra claramente. Jacob tinha 11 anos. Ele e seu amigo Elias Barkhordian estavam sentados em um muro baixo de pedra na vizinhança em que moravam, na Filadélfia, como faziam quase todo dia, mesmo quando o muro estava coberto de gelo e neve. Um ano mais velho que Jacob, Elias era alto para sua idade, “com um rosto grande e redondo, e olhos escuros vivazes”. Os dois gostavam de discutir densas questões científicas sobre tudo, desde o movimento dos elétrons até a natureza dos sonhos, que intrigavam o jovem Jacob. Mas, nesse dia em particular, Elias fez uma pergunta que acabou com ele: “Quem criou Deus?”

Jacob se lembra de ter encarado a “testa grande e lisa de Elias como se tentasse ver dentro de seu cérebro” e percebido que ele “quando fez essa pergunta, não estava apenas desafiando a mim, mas a todo o Universo. Isso fez surgir um extraordinário sentimento de liberdade. E me lembro de dizer para mim mesmo: *este é meu melhor amigo*”.

Jacob Needleman ficou impressionado com a inesperada alegria de fazer e viver grandes perguntas.

A história de Sócrates faz paralelo com a de Jacob. O cenário, é claro, é diferente — as ruas principais de Atenas, não da Filadélfia —, mas a trajetória é semelhante. Houve uma mudança de direção e, de novo, um amigo fora responsável por ela. No caso de Sócrates, um jovem chamado Chaerephon. Um dia, Chaerephon visitou o Oráculo de Delfos e lhe fez uma pergunta: há em Atenas algum homem mais sábio que Sócrates?

“Não”, veio a resposta. “Não há nenhum.”

Quando Chaerephon transmitiu as palavras do oráculo a Sócrates, ele ficou confuso. Ninguém mais sábio que ele? Como era possível? Ele era filho de um mero cortador de pedra, que não sabia de nada. Como oráculos, no entanto, nunca erram, Sócrates decidiu investigar. Abordou atenienses reverenciados, de poetas a generais, e logo descobriu que aqueles homens

não eram tão sábios quanto pensavam que eram. O general não sabia dizer o que é coragem; o poeta, definir lirismo. Em todos os lugares a que ia, encontrava pessoas que “não sabiam das coisas que não sabiam”.

Talvez o oráculo estivesse certo, concluiu Sócrates. Talvez ele possuísse um tipo de sabedoria, a de saber o que ele não sabia. Para Sócrates, o pior tipo de ignorância era a que se disfarçava de conhecimento. Era melhor uma ignorância vasta e sincera do que um conhecimento estreito e duvidoso.

É a inserção dessa ignorância inocente, dessa “admirável nova ingenuidade”, como coloca o filósofo Karl Jaspers, a maior contribuição de Sócrates à investigação humana, que ainda hoje impulsiona a filosofia.

Sócrates não foi o primeiro filósofo. Muitos vieram antes dele: Pitágoras, Parmênides, Demócrito e Thales, para citar alguns. Esses homens voltaram o olhar para os céus. Esforçaram-se para explicar o cosmos, desbravar os mistérios do mundo natural. Os resultados foram uma miscelânea.

Thales, brilhante em muitos aspectos, estava convencido de que toda a matéria do Universo consistia em água. Como Sócrates, esses filósofos fizeram perguntas, mas eram principalmente “o quê” e “por quê”. Do que tudo é feito? Por que as estrelas desaparecem durante o dia?

Esse tipo de pergunta não interessava a Sócrates. Eram irrespondíveis, pensava, e, no final, irrelevantes. O Universo pode ser fascinante, mas não dialoga, e dialogar era o que ele mais desejava.

“Toda pergunta é um clamor para entender o mundo”, disse o cosmólogo Carl Sagan. Sócrates concordaria até certo ponto. Toda pergunta é um clamor para *nos* entendermos. Sócrates estava interessado em questões “como”. Como posso levar uma vida mais feliz e significativa? Como posso praticar a justiça? Como posso me conhecer?

Sócrates não conseguia entender por que seus colegas atenienses não estavam mais interessados nesse tipo de perguntas dado seu desejo de melhorar, seja uma maneira melhor de fazer estátuas ou de praticar a democracia. Os atenienses, ao que parecia a Sócrates, trabalhavam incansavelmente para melhorar tudo — exceto eles mesmos. Isso precisava mudar, pensava, e fez disso sua missão de vida.

Isso marcou uma grande mudança na filosofia. Ela já não era mais uma especulação confusa sobre o cosmos. Tratava da vida, *da sua vida* e de como tirar o máximo proveito dela. É algo prático. Indispensável. Como o político

e filósofo romano Cícero disse: “Sócrates foi o primeiro a fazer a filosofia descer dos céus, a localizá-la nas cidades e a introduzi-la nos lares.”

Sócrates não se comportava da maneira que pensamos que é típica dos filósofos. Não demonstrava interesse em acumular discípulos. (Quando seus alunos perguntavam sobre outros filósofos, Sócrates os encaminhava de bom grado.) Não se dedicou a transmitir nenhum corpo de conhecimento, nem teorias ou doutrinas. Não publicou volumes densos. Na verdade, nunca escreveu uma única palavra. Conhecemos Sócrates graças a um punhado de fontes antigas, principalmente seu aluno Platão.

Não existe uma “doutrina socrática”, apenas pensamento socrático. Sócrates era todo meio, nada de fins. Lembramo-nos do insurgente de Atenas não pelo que ele sabia, mas pela forma como sabia. Ele se importava mais com o método do que com o conhecimento em si. O conhecimento não envelhece bem. Métodos, sim.

Os estudiosos empregam muitos termos sofisticados para descrever o método de Sócrates: a dialética, o *elenchus*, o raciocínio indutivo. Prefiro um termo mais simples: a fala. Sei que não parece sofisticado e provavelmente não vai me surpreender com o Prêmio Nobel, mas é verdade. Sócrates conversava com as pessoas. “Gênio bisbilhoteiro”, como o filósofo contemporâneo Robert Solomon o chama. Eu adoro. Ele traz a filosofia à Terra e a eleva ao mesmo tempo.

Observar a vida exige distância. Precisamos nos afastar de nós mesmos para nos vermos com mais clareza. A melhor maneira de alcançarmos essa perspectiva é por meio da conversa. Para Sócrates, filosofia e conversa eram praticamente sinônimos.

Sócrates conversava com todo tipo de gente: políticos, generais, artesãos, tanto quanto com mulheres, escravos e crianças. Também falava sobre todo tipo de assunto, mas só se fosse importante. Sócrates não era muito de bate-papo. Sabia que a vida era curta, e não estava disposto a perder um segundo de seu tempo com trivialidades. “Estamos pensando em como viver a melhor vida possível”, falou, exasperado, para um sofista chamado Górgias. “Que pergunta pode ser mais séria do que essa para uma pessoa que tem um pingão de noção?”

Por mais que gostasse de diálogos, acho, Sócrates os entendia simplesmente como um instrumento. A genialidade bisbilhoteira tinha um

objetivo: conhecer a si mesmo. Conversando com outras pessoas, aprendeu a conversar consigo mesmo.

A filosofia pode ser a arte de fazer perguntas, mas o que é uma pergunta? Ah, agora temos uma que Sócrates adoraria! Pegue uma palavra que todo mundo conhece e *pensa* que sabe, e examine-a, investigue-a e a cutuque de vários ângulos. Acenda nela uma luz brilhante e implacável.

Cerca de 24 séculos se passaram desde que o filósofo descalço de Atenas percorria as sinuosas e sujas ruas da cidade e fazia perguntas. Desde então, fizemos muito progresso: encanamento, leite de amêndoa, banda larga. Tivemos mais de 2 mil anos para aprimorar nossas definições. Também somos bons nisso, a julgar por quase meio milhão de entradas no *Terceiro Novo Dicionário Internacional da Webster*. Não precisamos sujar os dedos com páginas, impressas ou digitais. Sempre podemos recorrer à nossa fiel escudeira: Siri.

“Olá, Siri.”

“Oi, Eric.”

“Eu tenho uma pergunta.”

“Peça e receberá.”

“O que é uma pergunta?”

“Pergunta interessante, Eric.”

Então, silêncio. Nada. Chacoalho meu telefone. Nada ainda. A Siri entende que estou trapaceando com o algoritmo dela, e não resulta em nada. Uso uma abordagem mais literal.

“Siri, qual é a definição de pergunta?”

“Uma frase formulada ou expressada a fim de obter informações.”

Isso é preciso, suponho, mas lamentavelmente incompleto. Sócrates não ficaria satisfeito. Ele era um defensor das definições. Acharia essa resposta ao mesmo tempo ampla e reducionista. De acordo com ela: *Você viu minhas chaves?* e *Qual é o sentido da vida?* são equivalentes. Ambas visam obter informações de algum tipo — e são difíceis de responder, pelo menos em casa —, mas as informações que buscam diferem tanto que as diferenciam. Quanto mais ampla for a pergunta, menos interessados estamos em uma resposta que só forneça informações. *O que é o amor? Por que o mal existe?*

Quando fazemos essas perguntas, não desejamos informações, mas algo maior: sentido.

As perguntas não são de mão única, elas se movem em (pelo menos) duas direções. Buscam sentido e o transmitem, também. Fazer a pergunta certa a um amigo na hora certa é um ato de compaixão, de amor. Com frequência, porém, as usamos como armas, disparando-as contra as pessoas — *Quem você pensa que é?*, e, para nós mesmos, *Por que não faço nada certo?* Nós as usamos como desculpa — *Que diferença fará?* — e, mais tarde, como justificativa — *O que mais eu poderia ter feito?* Perguntas, não os olhos, são as verdadeiras janelas da alma. Como disse Voltaire, o melhor juiz de uma pessoa não são as respostas que dá, mas as perguntas que faz.

A resposta da Siri não captou a magia inerente a todas as boas perguntas, do tipo que Sócrates tinha em mente quando disse: “Toda a filosofia começa com o pensamento.” Pensar, acreditava, não é algo inato, como cabelos loiros e sardas. Pensar é uma habilidade que todos somos capazes de aprender. Ele estava determinado a nos mostrar como.

“Pensar” [wonder, no original] é uma palavra maravilhosa. É impossível dizê-la em voz alta sem sorrir. Vem do inglês arcaico *wundor*, que significa “coisa maravilhosa, milagre, objeto de espanto”. Em um nível, pensar é buscar informações, à moda da Siri. *Onde encontro um chocolate amargo?* Em outro nível, é suspender a investigação, pelo menos momentaneamente, e simplesmente contemplar: *Como é o bom chocolate belga, com sal marinho e amêndoas, que explode meu cérebro e coração?*

Quando questionamos, somos constrangidos pelo assunto tratado. Quaisquer perguntas que se desviem são consideradas supérfluas e, portanto, desencorajadas. Pense em um advogado repreendido pelo juiz por desviar-se de linhas “imateriais” ou em uma estudante do ensino médio repreendida pelo professor por se afastar do assunto.

Questionar-se é algo aberto, expansivo. É o que nos torna humanos. Isso é verdade desde que o primeiro homem das cavernas se perguntou o que aconteceria se esfregasse duas pedras ou jogasse uma grande pedra em sua cabeça. Você nunca sabe até tentar, e nunca tenta até se questionar.

Frequentemente, confundimos questionar com curiosidade. Sim, ambos fornecem antídotos úteis para a apatia, mas de maneiras diferentes. Questionar-se é pessoal de uma maneira que a curiosidade não é. Você pode

ser curioso desapaixonadamente. Você pode perguntar desapaixonadamente. Mas não pode questionar-se desapaixonadamente. A curiosidade é reativa, sempre ameaçando perseguir o próximo objeto brilhante que aparece à vista. O questionamento, não. Ele permanece. Questionar-se é a curiosidade reclinada, pés para cima, bebida na mão. O questionamento nunca perseguiu um objeto brilhante. Nunca matou um gato.

Questionar-se leva tempo. Como uma boa refeição ou um bom sexo, não pode ser feito às pressas. É por isso que Sócrates nunca apressava suas conversas. Perseverava mesmo quando os interlocutores ficavam cansados e exasperados.

Sócrates foi como um precursor da terapia. Trazia a responder a uma pergunta com outra pergunta. Diferentemente de um terapeuta, Sócrates não cobrava por hora (não cobrava um único dracma por suas sessões) e nunca pronunciava as palavras: “Lamento que nosso tempo tenha acabado.” Ele sempre tinha mais tempo.

Mesmo sozinho, Sócrates gostava de ficar parado, um amigo relata em *O Banquete*. “Ele às vezes para e fica onde quer que esteja.” Outro amigo conta um episódio ainda mais incomum que ocorreu quando os dois serviram juntos na batalha de Potideia.

Certa vez, ao amanhecer, ele [Sócrates] começou a pensar em algo e ficou no mesmo lugar, refletindo, e, por não ter encontrado solução, não saiu, mas ficou lá, pensando. Era meio-dia, e as pessoas perceberam, comentando entre elas que Sócrates estava ali desde o amanhecer pensando em alguma coisa. Finalmente, alguns dos ionianos, quando a noite chegou, levaram suas roupas de cama para dormir ao ar fresco e ver se ele ficaria ali a noite toda. Ele ficou parado até o amanhecer e o sol desabrochar, então, fez uma oração ao Sol e saiu.

A boa filosofia é lenta. Ludwig Wittgenstein chamou sua profissão de “cura lenta” e sugeriu que todos os filósofos se cumprimentassem com um: “Não se apresse!” Acho uma boa ideia, não apenas para os filósofos, mas para todos nós. Em vez de: “Tenha um bom-dia” ou de expressões igualmente vazias, poderíamos nos cumprimentar com: “Não tenha pressa” ou “Vá mais devagar”. Pronuncie esses imperativos com bastante frequência, e conseguiremos desacelerar.

Em algum nível, acredito, já reconhecemos os benefícios cognitivos da desaceleração. Quando algo nos faz parar e pensar, dizemos que “nos dá uma pausa”. Uma pausa não é um erro ou uma falha. Uma pausa não é uma gagueira ou uma interrupção. Não é um vazio, mas um tipo de matéria latente. A semente do pensamento. Toda pausa amadurece com a possibilidade do conhecimento e do questionamento.

Raramente questionamos o óbvio. Sócrates achava essa postura um erro. Quanto mais óbvio algo parece, mais urgente é a necessidade de ser questionado.

Entendo que quero ser um bom pai. É tão evidente que dificilmente requer afirmação.

Não tão rápido, diria Sócrates. O que você quer dizer com “pai”? Você está falando em termos estritamente biológicos?

“Bem não. Na verdade, minha filha é adotada.”

Ah, então “pai” é algo além da biologia?

“Sim, certamente.”

O que define um pai, então?

“Alguém, um homem, que cuida de uma criança pequena.”

Então, se eu passear com sua filha, digamos, em Delfos por algumas horas, serei o pai dela?

“Não, claro que não, Sócrates. Ser pai implica muito mais do que isso.”

O que, então, difere um adulto masculino que cuida de uma criança de um adulto masculino digno do título de “pai”?

“Amor. É isso que faz do pai um pai.”

Muito bom. Gosto dessa resposta. Obviamente, precisamos definir “amor”, mas vamos deixar para outra hora. Agora, você diz que quer ser um “bom” pai.

“Sim, eu quero, muito mesmo.”

O que você quer dizer com bom?

Bem, confesso que não tenho ideia. Apenas as noções mais vagas — imagens gerais e caricatas — vêm à mente: sundaes, recitais, treinos de futebol, deveres de casa, passeios na faculdade, piadas quando ela estiver desanimada, ou mesmo que não esteja, festas do pijama, ser o yin do yang de minha esposa. Um bom protetor, principalmente.

São belas imagens, diria Sócrates, mas o que acrescentam? Você não sabe o que quer dizer quando diz “bom pai”, sabe? E, como uma cereja do bolo

filosófico, Sócrates sugeriria que até que eu soubesse, de fato, o que quero dizer com “bom pai”, não poderia me tornar um. Eu estava perseguindo um fantasma.

Para Sócrates, todos os erros, como a parentalidade nociva, não são cometidos por maldade, mas por ignorância. Se entendêssemos a ramificação de nossos erros, não apenas para nossos filhos, mas para nós mesmos, não os cometeríamos. Uma compreensão genuína de uma virtude específica leva a um comportamento virtuoso. Automaticamente. Saber — realmente saber — o que significa ser um bom pai é ser um.

Aquele era O Dia de Levar o Filho ao Trabalho. Sempre temo esse dia. Outros pais levam os filhos a escritórios solenes e sérios, com salas de reunião e telefones por todo canto. Meu escritório (um deles) é um restaurante local chamado Tastee. A comida não é grande coisa, mas as mesas são grandes; as garçonetes, amigáveis; e o café, infinito. Este ano, pela primeira vez, minha filha quis ir comigo.

Abordar uma pessoa de 13 anos é um mistério que os grandes filósofos ainda precisam resolver. Se uma árvore cai na floresta, e seus amigos não compartilham no Snapchat, ela não caiu. Sonya não demonstrava interesse no meu trabalho, na filosofia, em nada, ao que parece, além do seu mundo. Eu suspeitava que a única razão para ter concordado em ir trabalhar comigo naquela manhã foi para poder faltar à escola.

Enquanto pegávamos nosso café da manhã — omelete saudável para mim, panquecas de chocolate para ela —, vi o grande abismo que é a paternidade. Eu me senti inadequado; pior, invisível. O que Sócrates faria?

Ele faria perguntas, é claro. Eu estava lutando com uma pergunta em particular, uma espécie de metaquestão. Isto é verdade: não existe pergunta estúpida? Perguntei à minha filha, cuja resposta foi um movimento quase imperceptível da sobrancelha esquerda, que significava: *registre sua pergunta, pai, e a considero indigna de resposta, então voltarei às minhas panquecas e ao Snapchat.*

Persisti, como Sócrates. “Existe pergunta estúpida?”, repeti, mais alto.

Ela levantou a cabeça da tela e pensou por um tempo. Pelo menos, imaginei que estivesse pensando. Então, para minha surpresa, ela falou.

“Sim”, disse. “Uma pergunta estúpida é aquela da qual você já conhece a resposta.” E com isso voltou para suas panquecas, seu telefone e seu cenário

adolescente.

Não foi a primeira nem a última vez que me surpreendeu. Ela estava certa. A menos que você seja um promotor, fazer uma pergunta da qual já sabe a resposta é realmente estúpido. Fazemos isso com mais frequência do que você imagina, de várias maneiras. Podemos fazer uma pergunta para mostrar nosso conhecimento ou obter informações que reforçam uma convicção inabalável e não examinada que já possuímos.

Para Sócrates, nada disso se qualificava como questão séria. Uma pergunta séria entra em águas desconhecidas. Uma pergunta séria traz riscos, como acertar um tiro em um quarto escuro. Você não sabe o que encontrará quando a sala se iluminar — monstros ou milagres —, mas, seja como for, está no jogo. É por isso que perguntas sérias não são feitas de maneira confiante, mas desajeitada, hesitante, com todo o embaraço desengonçado de um adolescente.

Para Sócrates, nada era mais importante ou corajoso.

O professor Jacob Needleman me serve outro copo de água com infusão de limão, com as mãos lentas, mas firmes. Os cubos de gelo tilintam quando atingem o copo. A luz da Califórnia fica mais suave, e as cores, mais ricas, à medida que o sol se põe.

Pergunto a Needleman mais sobre ele mesmo. Ele respira fundo e seu peito chia; em seguida, me leva para a Filadélfia de sua juventude, nos anos 1940. Elias e ele continuaram suas discussões filosóficas no muro de pedra, embora com uma frequência cada vez menor. Um dia, quando Jacob telefonou para a casa de Elias, sua mãe respondeu, com uma voz peculiar, que ele estava descansando. Jacob sabia que algo estava errado bem antes de ouvir a palavra “leucemia”. Ele se lembra de uma das últimas perguntas que vivenciou com Elias. “Eu me pergunto o que acontece com uma pessoa quando adormece”, perguntou Jacob ao amigo. “Para onde vai?”

Pela primeira vez, Elias não teve resposta. Morreu pouco antes de seu aniversário de 14 anos.

A morte, especialmente a antinatural e precoce, tem uma maneira de focar a mente. As perguntas inundaram Jacob. Por que Elias e não ele? O que devemos fazer com esse pouco tempo alocado? Ele não recebeu respostas

satisfatórias de seus pais, professores ou rabino. Então se voltou para Sócrates e para a filosofia.

“Por que a filosofia?”, pergunto.

“Por que se ama alguma coisa? Você é chamado. Chamado pelas perguntas derradeiras. Quem somos? O que somos? Por que estamos aqui? Os seres humanos precisam de sentido. Então, sim, é um chamado.”

Os pais de Jacob não ficaram emocionados com o chamado dele. “Como filho mais velho, era obrigado por Deus a ser médico”, diz. Jacob se tornou doutor, mas não médico. Doutorou-se em filosofia. Ainda se lembra da primeira vez que foi apresentado socialmente como “Dr. Needleman” na presença de sua mãe. Ela interrompeu para destacar: “Ele não é o tipo de doutor que cura as pessoas, sabe?”

Needleman passou o resto da vida provando que ela estava errada. Acumulou elogios e promoções acadêmicas, sempre ansioso para alcançar um público maior. Ele não conseguia entender por que essas “perguntas derradeiras” recebiam tão pouca atenção. “Nossa cultura não tem lugar para que elas sejam honradas como perguntas. Nossas instituições e padrões sociais são dedicados à solução de problemas ou ao prazer”, afirma Needleman.

Ele faz uma pausa, deixando suas palavras vagarem no ar suave da Califórnia. Ele está certo, percebo. Resolver um problema antes de vivê-lo é como tentar cozinhar uma refeição sem comprar mantimentos. No entanto, muitas vezes, buscamos a solução mais rápida ou o prazer mais conveniente. Tudo para evitar confrontar nossa ignorância.

Meus olhos vagam pelas colinas de Oakland, um marrom empoeirado nessa época do ano. Meus ouvidos registram o tocar agradável de um sino dos ventos próximo, misturando-se a uma presença sem palavras que preenche o espaço e conecta a mim e Jacob Needleman.

Sócrates desconfiava da palavra escrita. Ela jaz sem vida na página e viaja em apenas uma direção, do autor para o leitor. Você não pode falar com um livro, nem mesmo com um bom livro.

É por isso que decido não ler os diálogos de Platão, mas ouvi-los. Baixo os áudios. Não sei ao certo qual é a palavra grega antiga para “megabyte”, só

sei que são muitos.

Os diálogos se tornaram a trilha sonora da minha vida. Ouço enquanto ando de trem e levo minha filha para o futebol. Ouço quando bato pernas por aí. Cozinho e bebo Sócrates. Acordo e durmo Sócrates.

Os diálogos mostram Sócrates e os interlocutores lutando com o significado de, digamos, justiça, coragem ou amor. Não são tratados isolados. São conversas completas, às vezes controversas, e, para minha surpresa, engraçadas. “Uma sabedoria cheia de truques”, disse Nietzsche.

Uma conversa com Sócrates era muitas vezes irritante e perturbadora, como atesta um personagem de *O Banquete*, Nicias: “Qualquer pessoa que esteja perto de Sócrates e entre em uma conversa com ele é suscetível de ser levada a uma discussão, e qualquer que seja o assunto que ele comece, será continuamente conduzido por ele, até que finalmente ache que precisa de um relato de sua vida presente e passada, e, quando a pessoa estiver enredada, Sócrates a prenderá até que seja completa e plenamente sugada.”

Outro interlocutor reclamou que Sócrates o reduziu a uma “massa de desamparo” e compara o filósofo a um “peixe torpedo” (também conhecido como raia elétrica), porque entorpece a mente das pessoas.

Conversar com Sócrates era frustrante, assim como é frustrante conversar com uma criança curiosa de 5 anos.

Podemos tomar sorvete no jantar?

Não.

Por quê?

Porque sorvete não é bom para você.

Por quê?

Porque contém açúcar.

Por que o açúcar faz mal?

Porque é armazenado nas células adiposas do seu corpo.

Por quê?

Porque simplesmente é! Agora vá para o seu quarto!

As perguntas das crianças não nos incomodam por serem bobas, mas porque somos incapazes de respondê-las adequadamente. As crianças, como Sócrates, desmascaram nossa ignorância e, embora isso seja benéfico em longo prazo, em curto prazo, é irritante. “Se você não incomoda ninguém, você não é um filósofo”, diz Peter Kreeft.

Ler isso me animou e motivou. Estou convencido, e essa certeza me vem de várias fontes, de que sou irritante. Ao extremo. Há outras semelhanças com Sócrates. A condição de forasteiro. A pança. A mente vagante, pensante. O amor por conversar.

Quanto à persistência, porém, nos separamos. Tendo a evitar conflitos, reais e imaginários. Sócrates, não. Ele demonstrava uma grande coragem. Lutando no cerco de Potideia, em 432 a.C., com notável força e resistência, salvou a vida de seu amigo Alcibíades.

Na arena da filosofia, Sócrates também era implacável. Era um ouvinte severo, exigindo que as pessoas respondessem não apenas por suas crenças, mas por suas vidas. Você não podia sair de um debate com Sócrates. Ele via através das máscaras dos falsos intelectuais que volta e meia surgiam. *Olhe para você, um general que não sabe o que é coragem. Um padre que não sabe dizer o que é piedade. Um pai que desconhece o amor.*

O objetivo não era humilhar, mas esclarecer, facilitar uma espécie de fotossíntese intelectual. O Sócrates jardineiro. Ele adorava nada mais do que “plantar um quebra-cabeça na mente e vê-lo crescer”.

Essa sementeira de quebra-cabeças era complicada. Ninguém gosta de ter sua ignorância exposta, especialmente de maneira pública, e muitos dos diálogos ficavam acalorados. “Não entendo você, Sócrates, então gostaria que perguntasse a alguém que entendeu”, disse um de seus companheiros irritados no diálogo *Górgias*. “Você é um tirano, Sócrates. Desejo que encerre esse argumento ou faça com que outra pessoa discuta com você.” Às vezes, mais do que palavras fortes eram trocadas. “Alguns homens esmurravam [Sócrates] e arrancavam seus cabelos”, relata o biógrafo do século III Diógenes Laércio.

Sócrates irritava os outros por um bom motivo: via mais. Sócrates optometrista. As pessoas andam por aí com prescrições para óculos defeituosos.

Naturalmente, esse lapso afeta como as pessoas veem e o que veem. Entendiam sua visão distorcida da realidade como se fosse a única. Pior, nem sabiam que usavam óculos. Elas tropeçavam durante o dia, esbarrando em móveis, em pessoas, o tempo todo culpando a ambos. Sócrates achava isso tolo e inútil.

O Sol ficou vermelho brilhante, e uma sensação sombria pairou no ar. Jacob Needleman e eu conversávamos há horas, mas nenhum de nós se cansava do gênio bisbilhoteiro, e nos voltamos para as falsas crenças.

Needleman sugere que o filósofo é o segurança fortão da Boate das Ideias.

“Um filósofo dá sua opinião: ‘Você é minha opinião. Como chegou aqui? Você não me perguntou. Eu não o avaliei. No entanto, acredito em você. Você está tomando conta da minha vida.’”

Penso em minhas opiniões e em como povoam minha mente. Como todos os colonizadores astutos, me levam a acreditar que as convidei. Será que fiz isso? Ou elas apareceram sem aviso, ideias alheias que se vestiram com minhas roupas?

Volto a essa noção intrigante e sedutora de “viver perguntas”. O que Jacob quer dizer?

Ele explica que distingue o questionamento comum do “questionamento profundo”. Perguntas comuns patinam pela superfície, como Siri. O questionamento profundo é lento e imersivo.

“Se realmente vivo uma pergunta, deixo-a me assombrar, então esse estado de profundo questionamento é transformador em si mesmo.”

“Viver a pergunta?”

“Sim, viver a pergunta. Tenha isso em mente muitas vezes. Viver uma pergunta. Não apenas tentar solucioná-la. Frequentemente, pulamos para a solução.”

Isso parece bom, me faz querer passar o resto dos meus dias vivendo perguntas, mas e as respostas? Onde se encaixam? Este é o rap da filosofia: tudo se resume a diálogos, perguntas sem fim e sem respostas. O trem que está sempre partindo, nunca chegando.

Não é verdade, diz Needleman. A filosofia está definitivamente interessada no destino, mas a jornada não pode ser apressada. É a única maneira de garantir que se chegue não apenas a respostas inteligentes, mas a “respostas do coração”. As do outro tipo, as respostas da cabeça, não são só menos satisfatórias, mas, em última instância, menos verdadeiras.

Chegar às respostas do coração exige não apenas paciência, mas também vontade de conversar com sua ignorância. Ficar com a dúvida, o mistério, em vez de se apressar para resolver o problema, marca outro item de sua lista interminável de tarefas. Isso demanda tempo e coragem. Outros

zombarão de você. Deixe-os para lá, diz Jacob Needleman, e Sócrates também. O ridículo é o preço da sabedoria.

Faz algum tempo, eu conversava com minha amiga Jennifer. Para esclarecer: eu estava falando, ela, ouvindo meu rol habitual de preocupações.

Sofro de um problema de distribuição, falei. Tenho o suficiente de qualquer atributo, mas sua distribuição é desigual. Cabelo, por exemplo. Tenho muito no peito e nas narinas, mas não o suficiente na cabeça.

O sucesso, porém, é algo ainda mais problemático. Não é um problema de distribuição, expliquei, mas uma escassez genuína. “Não sou”, disse a ela, “suficientemente bem-sucedido”.

Jennifer fez uma pausa do jeito que as pessoas fazem quando estão prestes a dizer algo profundo ou estão planejando uma estratégia de fuga. Felizmente, a dela foi do primeiro tipo.

“Como é o sucesso?”, questionou.

“Como é o sucesso?”, devolvi.

“Sim, como é o sucesso?”

Normalmente, quando você repete a pergunta de alguém, ele se sente na obrigação de elaborá-la, para conectar os pontos para você. Jennifer, não. Minha pergunta ricocheteou e me atingiu na cabeça. Como é o sucesso? Isso nunca tinha me ocorrido. Sempre pensei no sucesso em termos quantitativos, não estéticos.

A forma como estruturamos uma pergunta é importante. Jennifer poderia ter perguntado: “Por que você quer ter sucesso?” ou “Quanto sucesso é suficiente?”. Eu teria descartado essas perguntas, golpeando-as como os mosquitos nos circulando em seu deck, em Nova Jersey. Por que eu quero ter sucesso? Apenas quero — não é o que todo mundo quer? *Quanto sucesso é suficiente?* Mais do que tenho hoje.

Jennifer, no entanto, não me fez essas perguntas. Ela me perguntou como era o sucesso. Implícito, em sua pergunta, estava o caráter pessoal. Como é o sucesso *para mim?* Eu saberia se o tivesse?

Fiquei lá, atordoado, como se um peixe torpedo tivesse picado meu cérebro. Uma boa pergunta faz isso. Ela o agarra e não solta. Uma boa pergunta reformula o problema para que você o veja sob uma ótica

totalmente nova. Uma boa pergunta solicita não apenas uma busca por respostas, mas uma reavaliação da própria busca. Uma boa pergunta não suscita uma resposta inteligente, mas nenhuma resposta. Desde os tempos antigos, muito antes de Sócrates, os sábios indianos praticavam *brahmodya*, uma competição em que se pretendia articular a verdade absoluta. O concurso sempre terminava no silêncio. Como explica a autora Karen Armstrong: “O momento da percepção chegava quando percebiam a inadequação de suas palavras e, assim, intuíaam o inefável.”

O silêncio não é um hábito que tenho. Palavras são como oxigênio para mim. No entanto, silencieei a pergunta de Jennifer em minha mente e a olhei sob diferentes ângulos. Uma boa pergunta gera mais perguntas, e, com certeza, a única feita por Jennifer provocou dezenas das minhas. Eu já não estava mais conversando com ela, mas comigo mesmo.

Era exatamente isso o que Sócrates queria induzir: um estado de autointerrogação implacável, questionando não apenas o que sabemos, mas quem somos, na esperança de provocar uma mudança radical de perspectiva.

O romance de Tolstói, *A Morte de Ivan Ilitch*, contém uma das minhas passagens favoritas na literatura, talvez por ser inesperadamente redentora, e também envolve um trem. O protagonista é um funcionário bem-sucedido do governo. Está em fase terminal, tomado por medo e arrependimento. No final da história, o pavor se eleva, substituído por uma nova perspectiva “como a sensação que às vezes experimentamos em uma carruagem quando pensamos que estamos retrocedendo, enquanto avançamos e, de repente, se toma consciência da direção real”.

Analisando minha conversa com Jennifer, percebo que, como Ivan, de repente intuía minha direção real. Foi a experiência mais socrática que já tive. Não aconteceu nas ruas poeirentas da antiga Atenas, mas no deck da minha amiga, em Montclair, Nova Jersey. Não importa. A sabedoria genuína não se limita por lugar e hora. É portátil.

Agora, sempre que quero conquistar algo, qualquer coisa, paro e pergunto: como é o sucesso? Para ser sincero, ainda não respondi a essa pergunta, e talvez nunca o faça. Tudo bem. Mudei a prescrição dos meus óculos e vejo com mais clareza.

As portas se abrem. Entro em um vagão elegante do metrô, brilhante e metálico. Na linguagem grega moderna, embarco em uma *metaforá*. Derivado da raiz antiga *metamorphoo*, transformar de dentro para fora, originou “metáfora”. Hoje, os gregos usam *metaforá* para indicar viagens em transporte público. Sempre que alguém pega um ônibus, metrô ou bonde para trabalhar, encontrar amigos ou buscar as roupas está, de certa forma, pegando uma metáfora e se envolvendo em um ato transformador. Eu amo a Grécia. Lá, tudo existe em dois níveis ou mais. Até uma viagem de metrô oferece a promessa da autorrenovação.

Além de o metrô de Atenas rodar suavemente, há uma lição de história a cada viagem. Quando estava em construção, os trabalhadores desenterraram artefatos antigos da idade de ouro da cidade. Os arqueólogos removeram alguns (“arqueologia de resgate”, como se chama), mas outros foram incorporados às estações, de modo que hoje os locais chamam o metrô de “museu cortado por um trem”.

Fui à Grécia, a terra das metáforas, para andar por onde Sócrates andava, respirar o ar que respirava. Fui lembrar que Sócrates não era uma ideia, mas um homem, de carne e osso. Sócrates pensava, mas não em qualquer lugar. Foi ali, em Atenas, uma cidade que ele amava como nenhuma outra.

Desembarco na estação Ágora e ando. A ágora, ou mercado, era o lugar favorito de Sócrates. Era um lugar cheio e fedorento, repleto de ambulantes, ladrões e toda sorte de gente. Sócrates adorava. A ágora era sua sala de aula e seu palco.

Os arqueólogos começaram a escavar o local relativamente tarde, em 1931, décadas depois de outras grandes escavações, incluindo as de Pompeia e Olímpia. Compensaram o tempo perdido, como atestam os milhares de artefatos: fragmentos de cerâmica, inscrições, esculturas, moedas e outros tesouros antigos.

Hoje, o sítio, espalhado por uns 80.000m², é na maior parte entulho, mas as ruínas do antigo mercado são suficientes para que eu, com um pouco de imaginação, visualize a cena. Vejo ambulantes vendendo seus produtos, tudo, de especiarias a clepsidras; réus aguardando julgamento; jovens perambulando, como deve ser. Captando tudo, está Sócrates, com os pés descalços, os olhos de crocodilo girando loucamente, à espreita de

companheiros filósofos. Sócrates praticava a filosofia de varejo. Não esperava que as pessoas o procurassem. Ele ia até elas.

“A vida não examinada não vale a pena ser vivida”, disse Sócrates. Quando ouvi isso pela primeira vez, adolescente, suspirei. A vida já é difícil o suficiente. Você quer que eu a examine também? A vida examinada. Não ligo para o termo. Para iniciantes, contém a raiz “exame”, que desperta lembranças de lápis 2B e mãos frias de médicos. Parece muito trabalho. Nós podemos fazer melhor. Portanto, com todo o respeito, ofereço dois corolários à vida examinada de Sócrates.

Corolário Número Um: a vida examinada que não produz resultados práticos não vale a pena ser vivida. Contemplar o umbigo tem seus prazeres, mas é muito mais gratificante ver resultados, um umbigo melhor. *Eudaimonia*, como os gregos chamavam. Muitas vezes, traduzida como “felicidade”, a palavra significa algo maior: uma vida próspera e significativa. Considere, como sugere o filósofo contemporâneo Robert Solomon, duas pessoas. Uma tem uma teoria elaborada sobre a generosidade, enquanto a outra, não. “A generosidade simplesmente flui dela, sem nem pensar, como a água flui de uma fonte.” A segunda pessoa claramente leva uma vida exemplar e significativa.

Corolário Número Dois: a vida não examinada pode não valer a pena ser vivida, mas também não é a superexaminada. “Pergunte a si mesmo se você é feliz e deixe de ser”, disse o filósofo britânico John Stuart Mill, articulando o Paradoxo do Prazer (também conhecido como Paradoxo do Hedonismo). Quanto mais tentamos aproveitar a felicidade, mais ela nos escapa. A felicidade é um subproduto, nunca um objetivo. É o fruto inesperado de uma vida bem vivida.

Bem, então Sócrates estava errado sobre essa tolice de vida não examinada?

Ou me esqueci de alguma coisa?

Meu instinto é responder logo a essas perguntas, para riscá-las da minha lista de tarefas e seguir em frente. Contenho esse impulso. Em vez disso, deixo-as pairarem no ar suave da Grécia, sem resposta, mas sem serem examinadas. Então, levo uma metáfora de volta para o hotel.

Sócrates foi um fracasso. Sei que isso soa mal, mas é a verdade. Muitos dos diálogos não terminam com um grande e inovador avanço digno de Zeus, mas com um impasse. A filosofia produz mais problemas do que resolve. Esta é sua natureza.

Sócrates não publicou nada e pereceu, executado por colegas atenienses. Novamente, seus supostos crimes foram impiedade e corrupção da juventude, mas, na verdade, ele foi morto por fazer muitas perguntas impertinentes. Foi o primeiro mártir da filosofia.

Após ser julgado, seu destino selado, ele se reuniu com alguns de seus seguidores. Eles estavam com o coração partido, mas não Sócrates; permaneceu otimista e com certa indiferença até o fim. “Mas eis a hora de partir: eu para morte, vós para a vida. Quem de nós segue o melhor rumo ninguém o sabe, exceto os deuses”, disse ele.

Estas são excelentes últimas palavras e, de fato, ideais para terminar uma biografia de Sócrates. Há apenas um problema. Não foram as últimas palavras do filósofo. Platão, em um diálogo chamado *Fédon*, conta o que aconteceu nos minutos finais de Sócrates.

“Críton”, diz Sócrates, falando com o amigo. “Devemos um galo a Asclépio; faça essa oferta para ele, não esqueça.”

“Isso deve ser feito”, respondeu Críton. “Mas você tem mais alguma coisa a dizer?” Não houve resposta. Sócrates estava morto.

O que fazer com esse desfecho enigmático? Durante séculos, os estudiosos ponderaram sobre essa questão. Alguns interpretam sombriamente as últimas palavras de Sócrates. Na época, os galos eram usados para fins medicinais, então talvez Sócrates quisesse dizer que a vida é uma doença que devemos curar. Ou talvez fosse sua maneira de nos chamar de volta à Terra, mesmo quando ele subiu ao céu. Talvez estivesse nos lembrando, ao lidarmos com as grandes questões da vida, de não esquecermos as pequenas coisas. Não negligencie suas obrigações como cidadão e amigo. Seja uma pessoa de honra. Se deve a alguém um galo, dê-lhe um galo.

Há uma possibilidade mais simples e menos profunda: a cicuta havia começado a surtir efeito, e um Sócrates confuso murmurava bobagens. Ninguém sabe ao certo e, provavelmente, nunca se saberá.

Eis que eu sei: é deliciosamente apropriado que o rei das perguntas tenha partido em uma nuvem delas, deixando-nos coçando a cabeça, pensando.

Sócrates não resistiu a plantar mais um quebra-cabeça em nossas mentes.
Mais uma pergunta a ser vivida.

3.

Como Caminhar: Rousseau

14h42. A bordo das ferrovias federais suíças, trem nº 9, deixando Basileia, a caminho de Neuchâtel.

Olho pela janela e vejo os campos suíços se descortinarem em câmera lenta. Pelo menos, é minha impressão. A velocidade é relativa. Viagens de trem, turvadas pela névoa rósea da nostalgia, representam um retorno a um tempo mais simples e analógico. Pego o trem para mudar o ritmo da minha vida, para me lembrar de como é andar ao léu, despreocupado.

Nem sempre foi assim. Nas primeiras viagens de trem, no século XIX, as pessoas reagiam com um mal-estar que beirava o terror. “Eu me senti como um projétil”, disse um dos primeiros passageiros. “Como um pacote humano”, disse outro. A velocidade — maior do que os seres humanos conheciam em terra — transformou a veneranda paisagem em um borrão ímpio. Em uma carta de 22 de agosto de 1837, Victor Hugo descreveu o que via pela sua janela do trem: “As flores ao lado da estrada não são mais flores, mas manchas, ou melhor, estrias de vermelho e branco... tudo se torna uma listra; os campos de cereais são grandes sustos de cabelos amarelos; campos de alfafa, longas tranças verdes. De tempos em tempos, uma sombra, uma forma, um espectro aparece e desaparece atrás da janela, fugaz como um relâmpago.” O trem de Hugo viajava a cerca de 24km por hora. A velocidade é relativa.

O crítico de arte John Ruskin, uma das principais vozes que condena essa forma de transporte, concebeu uma máxima que ainda se aplica: “Todas as viagens são monótonas na exata proporção de sua rapidez.”

Enquanto meu trem suíço desliza (algo típico desse tipo de trem) pela paisagem, silencioso, pergunto-me o que Ruskin acharia das viagens aéreas. Nada de bom, tenho certeza.

O transporte traça seu próprio arco evolutivo, uma sobrevivência do mais rápido que apaga os antecedentes à medida que avança. Estamos nos movendo rápido demais para fazer uma pausa e perguntar como exatamente chegamos aqui, amarrados a um tubo de alumínio atravessando o espaço a uma velocidade tão rápida que não borra o cenário, o oblitera. Essa aceleração não aconteceu, é claro, da mesma forma que a dos nossos cérebros grandes e polegares opositores. Antes do avião, estava o trem; antes do trem, o treinador de cavalos; e, antes do treinador, a sela. Precisamos ir mais longe, porém, lá para o começo.

No princípio, eram os pés.

Jean-Jacques Rousseau foi um homem de multidões: filósofo, romancista, compositor, ensaísta, botânico, autodidata, fugitivo, teórico político, masoquista. Acima de tudo, foi um andarilho. Caminhava com frequência, e sozinho. Sim, um passeio com um amigo tem seus prazeres, assim como ir a bares, mas, no fundo, a caminhada é um ato pessoal. Andamos sozinhos, por nós mesmos. A liberdade é a essência de uma caminhada. A liberdade de partir e voltar quando desejarmos, vagar, como Robert Louis Stevenson disse: “Siga este ou aquele caminho, conforme a loucura o levar.”

Rousseau seguiu sua loucura. Ela o levou pela Europa, de Veneza a Paris, Turim a Lyon e além. Rousseau foi uma das primeiras almas verdadeiramente sem raízes, o que hoje chamaríamos de nômade urbano. Em casa, em qualquer lugar e em lugar nenhum.

Durante a maior parte da história da humanidade, caminhar não era opcional. Se você queria chegar a algum lugar, tinha que andar. Hoje, é uma escolha. Rousseau não tinha tantas opções quanto nós — a viagem de trem não existia —, mas havia algumas. Uma extensa rede de serviços de transporte cruzava a Europa. Ele detestava viajar de carruagem e caminhava sempre que podia. “Nunca pensei tanto, existi tanto, vivi tanto, fui tanto eu mesmo [...] como nas viagens que fiz sozinho e a pé”, afirmou. Caminhar salvou a vida de Rousseau. E também o matou.

Rousseau cresceu em Genebra, filho de um relojoeiro irascível chamado Isaac. Sua mãe morreu logo após seu nascimento, um trauma que o assombrava. O jovem Rousseau se juntava regularmente a amigos para explorar o campo. “Sempre fui mais longe do que qualquer um deles, sem pensar na volta, a menos que outros pensassem nisso para mim”, lembra em suas memórias, *Confissões*.

Em uma agradável tarde de primavera, em 1728, Rousseau deu um passeio que mudou o rumo de sua vida. Tinha 16 anos, era aprendiz de gravador, um trabalho que desprezava, e se sentia “inquieto, desconectado de tudo e de mim mesmo”. Um típico adolescente. Ele se aventurou fora da cidade. Estava ficando tarde. Sabia que tinha que voltar antes que os portões da cidade se fechassem, à noite. Rousseau já havia perdido dois toques de recolher e fora espancado pelo empregador. Temia o que poderia acontecer dessa vez.

Ele correu freneticamente, mas não adiantou. Estava muito atrasado. Dormindo do lado de fora das muralhas da cidade naquela noite, prometeu nunca mais voltar a Genebra. A partir daquele dia, levou uma vida nômade, viajando incessantemente, quase sempre a pé.

Rousseau morou em muitas cidades, mas não era uma pessoa urbana. Ele descreve seu primeiro encontro com Paris, uma cidade que a maioria associa à beleza e ao romance, assim: “Não vi nada além de ruas sujas e fedorentas, casas feias e escuras, um ar de miséria e pobreza, mendigos, carreteiros, alfaiates, vendedores de beberagens de ervas e chapéus velhos.” Havia também os parisienses, “cansativos” e sempre dando “testemunhos estúpidos”. Não, nada urbano.

Também não era uma pessoa do povo. Rousseau era introvertido. “Um amigo difícil, um amante decepcionante e um funcionário impraticável”, diz o autor Leo Damrosch na excelente biografia de Rousseau.

Caminhar lhe permitia escapar dos olhares alheios. Ele era tímido. Tinha uma miopia severa, era insone como Marco e sofria de um problema urinário crônico (chegou a ser diagnosticado com próstata aumentada), o que o fazia ir ao banheiro com frequência. Isso o fazia evitar o contato social sempre que possível. Ao longo de sua vida, achava que as pessoas o observavam. Provavelmente, não ajudou sua peculiar compulsão por expor o traseiro para estranhos. Rousseau era um masoquista declarado, que desfrutava de uma boa surra, como a que recebeu como estudante delinquente. “Encontrei na dor, até na vergonha, um quê de sensualidade que me deixou querendo mais”, escreve em suas memórias, uma das primeiras a conter detalhes pessoais e obscenos.

Caminhar era uma combinação óbvia com a filosofia de Rousseau. Ele defendeu um retorno à natureza, e o que é mais natural do que caminhar? Natural, isto é, para a maioria de nós.

Eu não sou Rousseau. Não sou filho da natureza — nem mesmo um primo distante. Não acampo nem nada do tipo. Meu carro não tem um adesivo de para-choque que diz: “Prefiro pescar.” O mesmo vale para caça, exploração de cavernas, caiaque, mergulho, escalada e observação de pássaros. Não tenho botas de trilha ou de andar no gelo. Não tenho saco de dormir. Tenho várias mochilas, mas são modelos elegantes com nomes como “edição cidadina” e “renegado urbano”.

A Mãe Natureza é uma pedra no sapato. Ela me lembra constantemente da minha maior incompetência. Não sei armar nem desarmar uma barraca, nem fazer nada que envolva uma. Não sei navegar me guiando por estrelas, Sol ou qualquer corpo celeste. Minha incompetência se estende além do mundo natural. Não sei trocar o filtro de ar do carro, conversar com minha filha adolescente, aliviar o sofrimento de um pai idoso, fazer um cachorro se acalmar nem ficar quieto com meus pensamentos por mais de cinco segundos sem explodir a cabeça.

Achava que sabia andar, mas, lendo Rousseau, questiono até essa habilidade básica. Sim, posso colocar um pé na frente do outro, repetindo o gesto até o necessário, mas isso é só locomoção bípede. Não é andar. Pode-se dizer muito sobre uma pessoa pela forma como caminha. O Pentágono desenvolveu um radar avançado que identifica até 95% do jeito de andar, algo tão distintivo quanto impressões digitais e assinatura.

Todo mundo tem um jeito particular de andar.

Eu tenho vários, e, como meu humor, eles oscilam. Às vezes, estou à toda, como um entusiasta da Black Friday; às vezes, decrépito como um elefante fora de forma que acabou de sair de uma churrascaria rodízio. Não ande atrás de mim. Não é fácil me seguir.

Acordo em Neuchâtel, uma cidade que Rousseau não gostava, e pego o trem para uma pequena cidade chamada Môtiers, com a qual ele se importava ainda menos. “O lugar mais vil e venenoso que se pode habitar”, lembra Rousseau. Aparentemente, o sentimento era mútuo.

A casa que Rousseau desprezava, na cidade que desprezava, é agora um pequeno museu, provando que não há nada em que muito tempo e um pouco de curadoria não deem jeito. Uma placa marca o período em que Rousseau viveu ali: 10 de julho de 1762 a 8 de setembro de 1765. Preciso, mas incompleto. Não capta a animosidade deletéria entre Rousseau e os locais de Môtiers, furiosos com seus escritos.

Lá, encontro as primeiras edições dos dois livros que provocaram essa raiva: *Emílio* e *O Contrato Social*. Também vejo um retrato de Rousseau usando um caftan, uma túnica esvoaçante popular no Oriente Médio. Era confortável, mas peculiar. Irritava os locais, como suas caminhadas diárias,

que se tornaram motivo de chacota. Um dia, aquela animosidade fervente transbordou. Moradores, incentivados por uma autoridade local, atiraram pedras na casa de Rousseau. Ele, um homem que muitas vezes interpretava mal os sinais sociais, acertou esse. Fugiu de Môtiers, para nunca mais voltar. Fiz o mesmo.

Naquela noite, em Neuchâtel, me instalei em uma *crêperie*, pedi uma taça de Chardonnay, que esperava ornar com o romantismo inicial, e recuperei as memórias de Rousseau da minha mochila. Mergulhei nelas. Você não observa Rousseau. Mergulha de cabeça ou nada.

O que chama minha atenção e a segura é a linguagem. Clara, acessível, não o típico livro de filosofia todo rebuscado. Bom, tomando outro gole do meu Chardonnay, acho que combina muito bem.

Logo percebo que a clareza é acompanhada por outra coisa. Rousseau é — como digo educadamente? — um personagem de novela mexicana. Suas palavras são tão apaixonadas que dá para sentir as lágrimas nas páginas. Rousseau chora, regular e copiosamente. É propenso a ataques de êxtase. É conhecido por desmaiar. Está sempre se abandonando à “melancolia mais doce” ou à “fatalidade da sorte” ou, minha favorita, à “vida indolente e solitária”. Seu órgão preferido, o coração, está ocupado. É “abertura”, “inflamação”, “agitação”. Principalmente, pulsação. Bate com “impaciência”, “alegria” ou, em mais de uma ocasião, “com violência”.

Normalmente, acho esse tipo de escrita inflamada um tédio, mas não a de Rousseau. As palavras, embora exageradas, são livres de artifícios. Rousseau não está fingindo.

A filosofia de Rousseau pode ser resumida em quatro palavras: natureza boa, sociedade má. Ele acreditava na “bondade natural do homem”. Em *A Origem da Desigualdade*, pinta uma imagem do homem em seu estado natural, “vagando pelas florestas, sem uma ocupação de ordem econômica, sem fala, sem domicílio, sem carência e sem vínculos, sem necessidade de semelhantes, sem desejo de prejudicá-los”. Ninguém nasce mau, mesquinho, vingativo, paranoico. A sociedade faz isso. O “bom selvagem” de Rousseau vive a cada momento sem arrependimentos sobre o passado nem preocupações com o futuro.

Muito do que consideramos inerente à natureza humana é hábito socialmente construído, acredita Rousseau. Estamos convencidos de que

nosso amor por brie defumado ou Instagram é natural, quando é cultural. Afinal, na década de 1970, as pessoas pensavam que carpetes e gravatas tão largas quanto uma pista eram “naturais”. Somente agora os reconhecemos pelas abominações que são. Mesmo algo tão “natural” quanto o cenário é propenso à influência cultural. Durante a maior parte da história da Europa, as pessoas consideravam as montanhas como algo bárbaro; nenhuma pessoa sã viajaria voluntariamente para uma. Somente no século XVIII elas se tornaram objeto de admiração. A boa notícia, diz Rousseau, é que podemos mudar esses hábitos sociais, desde que os reconheçamos pelo que são: artifícios sociais descartáveis como um velho jeans boca sino.

O Bom Selvagem de Rousseau sente um forte tipo de amor-próprio, que Rousseau chama de *amour-de-soi*. Essa emoção saudável difere da variedade mais egoísta, que chama de *amour-propre*. O primeiro deriva da natureza humana, o segundo, da sociedade. *Amour-de-soi* é a alegria que você sente ao cantar no chuveiro. *Amour-propre* é a alegria que sente ao cantar no Radio City Music Hall. Você pode cantar mal no chuveiro, mas o prazer é só seu, independentemente da opinião dos outros, e, portanto, argumenta Rousseau, mais autêntico.

Então você entende por que Rousseau caminhava. Caminhar não demanda as armadilhas da civilização: animal domesticado, carruagem, estrada. O andarilho é livre, sem ônus. *Amour-de-soi* puro.

Às vezes, uma simples caminhada muda tudo. Isso aconteceu com Rousseau em uma tarde do verão de 1749. Ele estava em seu percurso habitual de 10km de Paris a Vincennes para visitar o filósofo e amigo Denis Diderot, preso por escritos considerados blasfemos. Era um dia especialmente quente, e a estrada estava empoeirada. Rousseau parou para descansar. Sentado à sombra, folheando ociosamente uma edição do *Mercure de France*, viu um prêmio oferecido pela Academia de Dijon ao melhor ensaio que discutisse “se a renovação das ciências e das artes contribui para purificar a moral”.

Rousseau sentiu até vertigem, desorientado “como um bêbado”. Na hora, ele se lembra: “Vi um universo diferente e me tornei outro homem.” Seu ensaio ganhou o primeiro prêmio, o que fez sua carreira decolar.

Rousseau teria a mesma epifania sentado em seu escritório ou andando de carruagem? Talvez, mas a caminhada preparara sua imaginação. A mente prospera a 5km por hora, a velocidade de uma caminhada moderada. Livre das trivialidades do escritório, da tirania das expectativas, a mente vagueia, e quando ela vagueia coisas inesperadas e maravilhosas acontecem. Nem sempre, mas com mais frequência do que se imagina. Caminhar equilibra estímulo e repouso, esforço e ócio.

Quando andamos, fazemos algo e não fazemos nada ao mesmo tempo. Em um nível, nossa mente se engaja, concentrando-se no terreno à frente, atenta aos arredores. No entanto, nenhum desses pensamentos ocupa muito do cérebro. Sobra espaço para divagar e estar aberto ao que é inusual.

Não é de admirar que tantos filósofos caminhassem. Sócrates, é claro, gostava de passear na ágora. Nietzsche se embrenhava em passeios espirituais de duas horas nos Alpes suíços, convencido de que “todos os grandes pensamentos são concebidos ao caminhar”. Thomas Hobbes tinha uma bengala personalizada com um tinteiro portátil afixado para que pudesse registrar seus pensamentos enquanto caminhava. Thoreau fazia caminhadas de quatro horas pelo campo de Concord, seus bolsos transbordando de nozes, sementes, flores, pontas de flechas indianas e outros tesouros. Immanuel Kant mantinha uma rotina de caminhadas altamente disciplinada. Todos os dias, almoçava às 12h45 e caminhava por uma hora — exatamente — no mesmo bulevar de Königsberg, Prússia (atual Rússia). A rotina de Kant era tão inabalável que o povo de Königsberg assistia a suas perambulações.

Bons andarilhos, todos eles. Nenhum, porém, se compara a Rousseau. Andava regularmente 30km por dia. Certa feita, caminhou 500km, de Genebra a Paris. Levou duas semanas.

Para Rousseau, andar era como respirar. “Mal consigo pensar quando fico parado; meu corpo tem que estar em movimento para ativar minha mente.” Enquanto caminhava, anotava pensamentos, geniais e simples, nas cartas de baralho que sempre carregava consigo. Rousseau não foi o primeiro filósofo a fazer caminhadas, mas foi o primeiro a filosofar tão extensivamente sobre elas.

O filósofo andarilho invalida um dos maiores mitos da área: que ela é uma busca mental, apartada do corpo. Desde o momento eureka de Arquimedes

no banho e da esgrima magistral de Descartes, até as escapadas sexuais de Sartre, a filosofia tem uma corrente corporal correndo por ela. Não há filósofos nem filosofias desencarnadas. “Há mais sabedoria em seu corpo do que em toda a sua filosofia”, disse Nietzsche.

Considere uma emoção como a raiva. Quando você está indignado, onde ela reside? Em sua mente, sim, mas também em seu corpo, como explica o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty: “Eu não conseguiria imaginar a malícia e a crueldade que meu oponente demonstra separadas de seus gestos, fala e corpo. Nada disso acontece em um reino de outro mundo, em um santuário localizado além do corpo do homem furioso. Da mesma forma, quando filosofamos, fazemos isso não apenas com nossas mentes, mas também com nossos corpos.

De volta à *crêperie*, mergulho novamente. Mesmo vinho, Rousseau diferente: seu trabalho final e inacabado, *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. É um volume estranho, mas cativante, “um livro que é e não é sobre caminhar”, como Rebeca Solnit aponta em sua história da caminhada. Então, novamente, caminhar, em si, é e não é caminhar.

Devaneios é meu favorito entre os escritos de Rousseau. Pulsa com a clareza moral e a sabedoria fermentada de um homem que, tendo sido expulso, apedrejado e ridicularizado, já não se importa. Não se trata de Rousseau, o do contra; Rousseau, o confessor; ou de Rousseau, o reformador. É o Rousseau em repouso.

O livro é organizado em uma série de dez caminhadas, ou devaneios. Em cada um, Rousseau embarca em um percurso, mas que é apenas o veículo, por assim dizer, para o verdadeiro assunto: a memória. Como recuperamos os momentos agradáveis da vida e eles têm um sabor tão doce ou mais na segunda garfada?

Na quinta caminhada, Rousseau lembra sua vida na pequena ilha de Saint-Pierre, seu refúgio dos detratores de Môtiers. Era o paraíso dele. “O momento mais feliz da minha vida”, lembra.

Li essas palavras e quase cuspi meu Chardonnay. Rousseau, conhecedor das próprias patologias, não era exatamente propenso a surtos de felicidade. Quero ver essa ilha por mim mesmo.

Ando em direção à estação de trem. Não é uma caminhada rousseauriana. Apressado demais, digo para mim mesmo. Muito estúpido. *Foco, cacete*, digo em voz alta, surpreendendo os transeuntes suíços.

Na estação pequena, mas movimentada, de Neuchâtel, embarco em um expresso regional com destino à ilha feliz de Rousseau. Parte com pontualidade, claro. Os trens suíços fazem jus à reputação de pontualidade excepcional, mas sua eficiência fria parece estar em desacordo com a vida confusa e emotiva do maior filósofo do país.

É uma viagem curta, poucas paradas, mas decido dar uma olhadinha em *Devaneios*. “Tudo está em constante fluxo nesta Terra”, escreve Rousseau, ecoando o ditado do filósofo grego Heráclito: “Tudo flui.” O rio em que pisamos nunca é o mesmo, nem nós somos.

O trem desliza tão suavemente pelos trilhos que, não fosse a mudança de cenário, eu juraria que não estávamos nos movendo. E o movimento, Rousseau me diz, é vital. Deve ser de um certo tipo, porém. “Se o movimento é irregular ou violento, nos desperta de nossos sonhos.”

A menção de Rousseau ao movimento violento me lembra minha jornada de Amtrak pelos EUA, na companhia do insone filósofo-imperador Marco. Em algum lugar da Dakota do Norte, entediado com o cenário monótono, eu precisava fazer alguma coisa, *qualquer coisa*.

Nos trilhos abrutalhados da Amtrak, as atividades de rotina são repletas de dificuldades. Barbear-se, por exemplo. (Minha única tentativa me deixou um caos sangrento.) Caminhar, também. Eu vacilava e claudicava como um bêbado em alto-mar. Isso fazia sentido em uma perspectiva evolutiva. Nós, humanos, viemos do mar, fato refletido na etimologia da palavra inglesa *walk* [andar e/ou caminhar, em português]. No século XI, significava “rolar, lançar”, como as ondas do mar. Só no século XIII *walking* [“caminhar”] chegou à terra, enxugou-se e adquiriu seu significado contemporâneo. As palavras evoluem.

Eu não. Tentando caminhar, voltei ao século XI. Nos corredores, quase rolando por eles, eu era lançado para cá e para lá. Mergulhei em bagagens. Abalroei estranhos.

“Você precisa ir no mesmo embalo do trem”, disse uma mulher mais velha, testemunhando minha incompetência.

Ela estava certa. Eu estava lutando contra o trem. Precisava dançar com ele. Deixá-lo conduzir. Demorei, mas peguei o jeito. O segredo, aprendi, é relaxar. O trem se inclinava para a esquerda e para a direita, e eu fazia o mesmo. Sem resistência. Por fim, cheguei a meu destino, o vagão-restaurante, tão feliz como se tivesse escalado uma montanha.

Há cerca de 6 milhões de anos, os primeiros hominídeos reorganizaram suas articulações, endireitaram o corpo e passaram a andar sob dois pés. A nova postura, ereta, proporcionou-lhes muitos benefícios inesperados. Liberou as mãos para a fabricação de ferramentas, para apontar, acariciar, gesticular, cumprimentar, ofender, tirar meleca do nariz e roer as unhas. Caminhar é mais do que caminhar, sempre foi.

Caminhar pode ser natural, mas não significa que é fácil. Joseph Amato, em sua história enciclopédica da caminhada, *On Foot*, descreve a fisiologia de um único passo. “Mais da metade do tempo é gasto no movimento dos pés. Quando alguém atinge o chão, com uma perna após a outra, todo o peso do corpo é jogado contra o solo, até ser transferido para o dedão do pé, quando se gira os quadris e se redireciona a planta dos pés e as pernas.” Tudo isso acontece automaticamente, claro. Pense na biomecânica e você acabará dando de cara no chão, como quase fiz depois de ler essa passagem.

Andamos com dois pés, mas o fazemos em um esqueleto projetado para quatro. Essa desconexão entre a anatomia antiga e o uso moderno mantém os podólogos ativos. Pés chatos, inchados, bolhas, joanetes e dedo em malho são apenas alguns dos preços que pagamos por nossa existência bípede. Rousseau sofreu de calos dolorosos a maior parte de sua vida. Ele andava sobre os calcanhares, de modo desafiador.

Rousseau era um andarilho dedicado, mas não heroico. Andava devagar, devido aos calos, e não conseguia “pular uma vala”. Ele não carregava mochilas pesadas nem outros acessórios. Não afastava ladrões nem cães selvagens. Não resgatava pessoas em perigo, donzelas ou análogos. Apenas andava, sem julgamento ou expectativa. Quando andamos assim, a experiência se aproxima do sagrado.

O trem chega a uma pequena estação a uma curta viagem de ônibus de Saint-Pierre. É uma ilha cheia de surpresas. Para começar, não é mais uma ilha. Desde a época de Rousseau, uma pequena ponte terrestre se formou, conectando-a ao continente. Tudo flui.

Entro na ilha que não é mais uma ilha e vejo por que Rousseau gostava tanto dela. É idílica de uma forma despretensiosa; exuberante, mas não ostensiva; verde, mas não *excessivamente*. De quase todos os pontos de observação, vê-se o Lago Bienne. Essa visão é a melhor da natureza, o que o poeta Philip Larkin chamou de “terra séria”.

Imagino Rousseau fazendo caminhadas longas e sem rumo por aqui, acompanhadas por seu amado cachorro, Sultan, ou talvez coletando amostras de plantas. Encontro a travessia que corta Saint-Pierre e caminho. Um pé na frente do outro, digo para mim mesmo, como fiz a vida toda, só que melhor. Traduzo “melhor” para “mais rápido” e adoto um trote ridículo. Percebo isso e compenso ralentando a marcha. Por que não consigo um meio-termo? O que há de errado comigo?

Para minha surpresa, é o filósofo-imperador Marco que responde. *Reaja às adversidades, reais ou imaginárias, não com autocomiseração ou desespero, mas simplesmente começando de novo.* Vista dessa forma, a vida não parece mais uma narrativa que deu errado ou um final duvidoso. Nada disso é real. Não há finais. Só uma cadeia infinita de inícios.

Então, eu começo. Um pé na frente do outro. Boa. Agora de novo.

Sigo a trilha, parando ocasionalmente para olhar o lago ou as nuvens ralas. Acabo encontrando a pequena sala na qual Rousseau morava. É um espaço simples, com uma cama com dossel, uma área de estar espartana e, em um canto, um alçapão de madeira no qual ele se isolava quando fãs ou inimigos o localizavam.

Seu herbário também está aqui: plantas secas e prensadas, caules longos e delicados, congelados no tempo. Uma placa menciona a “personalidade contraditória” de Rousseau, um eufemismo, se é possível.

Há algo visivelmente ausente: livros. Tão apressada foi a fuga de Rousseau de Môtiers, que não teve tempo de levar sua considerável biblioteca. Em *Devaneios*, ele chama essa escassez de material de leitura de “uma das minhas maiores alegrias”. Essa observação parece muito peculiar para um homem que passou a vida inteira lendo e escrevendo livros. Em outro momento,

Rousseau descreve que caminhar até um ponto isolado à beira do lago e ouvir o fluxo e refluxo da água “batendo nos ouvidos e nos olhos [...] bastou para me tornar agradavelmente consciente de minha existência sem me preocupar com o pensamento”. Ok, primeiro ele parou de ler; então, de pensar. Ele estava desistindo — ou tinha um plano?

Rousseau, como Sócrates, era uma espécie de antifilósofo. Não tinha paciência para “lógicas inúteis e vazias” nem “sutilezas metafísicas irrelevantes”. Ele era um pensador, mas sem exageros. Rousseau sabia que seu órgão favorito, o coração, possuía sua própria inteligência, uma que não acessamos com a testa franzida e a mandíbula apertada, mas com as pernas relaxadas e os braços oscilantes.

As pessoas se exibem e se vangloriam na frente dos outros, mas raramente sozinhas. São gestos sociais. Caminhar, a forma mais lenta de viajar, é o caminho mais rápido para nos conhecermos. Não podemos voltar para um paraíso perdido que provavelmente nunca existiu. Mas podemos andar. Podemos caminhar até o trabalho. Levar nossa filha à escola. Caminhar sozinhos sem rumo, em uma tarde de outono fresca e arejada.

Caminhamos para esquecer. O chefe irritadiço, a briga com o cônjuge, as contas a pagar, o alerta de seu Subaru indicando que a pressão dos pneus está baixa ou o carro, pegando fogo. Caminhamos para esquecer, mesmo que momentaneamente, um mundo que é “demais para nós”, como define William Wordsworth, outro bom andarilho.

Também andamos para nos esquecermos de nós mesmos. Sei o que faço. Os 7kg excessivos resistentes a todas as dietas da Terra; os pelos nasais insistentes; o defeito de uma década, que, por razões particulares, decidiu se autorrealizar na coroa da minha careca, espalhando-se como uma mancha de tinta. Tudo esquecido quando caminho.

Lembro-me de assistir uma vez às Olimpíadas de Verão na TV e ter me interessado por caminhadas competitivas. Dedicados jovens atletas caminhando rumo ao ouro. Parece um disparate. Caminhar não é esporte. “Caminhada competitiva” faz tanto sentido quanto “meditação competitiva”. Em nossa Era do Acessório, caminhar é uma das poucas atividades não adornadas ainda disponíveis, que, como destaca a autora Rebecca Solnit, permanece “essencialmente igual desde sempre”.

Caminhar é democrático. Salvo uma deficiência, qualquer um pode andar. O andarilho rico não tem vantagem sobre o pobre. Rousseau, apesar de seu sucesso literário, sempre se considerava “o filho de um trabalhador”, o que hoje chamamos de “peão de fábrica”. Pessoas assim não andavam em carruagens sofisticadas. Elas caminhavam.

Elas andavam como faço agora: atentamente, um passo de cada vez, saboreando a robustez e a elasticidade da terra séria.

No final de outubro de 1776, Rousseau deambulava por uma estreita rua parisiense, a caminho de casa, após uma longa caminhada, quando, como relembra o biógrafo Leo Damrosch, “a carruagem de um nobre foi em sua direção, ladeada por um enorme e galopante dogue alemão. Não conseguiu se esquivar a tempo, o cachorro o derrubou, e ele caiu com força na rua de paralelepípedos, inconsciente e sangrando profusamente”. Com toda probabilidade, sofreu uma concussão e danos neurológicos. Nunca se recuperou completamente. Menos de dois anos depois, Jean-Jacques Rousseau voltou de sua caminhada matinal, caiu e morreu.

Ao que tudo indica, morreu realizado. No final de sua vida, sua caminhada assumiu um caráter mais suave e otimista. Ainda há vestígios da autopiedade habitual (“Aqui estou, sozinho na terra”) e da paranoia (“O teto acima da minha cabeça tem olhos; as paredes ao meu redor, ouvidos”), mas era a necessidade. Ele não andava mais para fugir, encontrar ou apresentar um argumento filosófico. Simplesmente andava.

O legado de Rousseau é vasto. Inclui cartões da Hallmark, produções sensacionalistas de Hollywood, emojis de coração e memórias reveladoras. Se você já disse: “Preciso dar uma chorada”, agradeça a Rousseau. Se já disse: “Use sua imaginação”, foi rousseauriano. Se, no calor de uma discussão, pronunciou as palavras: “Não me importo se não faz sentido, é como *me sinto*”, Rousseau é seu ícone. Se já respondeu ao desgosto com uma caminhada longa e irritada, Rousseau. Se seu cônjuge já o arrastou em uma caminhada de 10km em um dia úmido e frio, porque “será bom para você”, pode agradecer ou xingar Rousseau. Por causa dele, temos pensamentos e sentimentos diferentes, bem como pensamos neles de forma diferente.

Contents

1. Parte Um

1. Como Sair da Cama: Marco Aurélio
2. Como Pensar: Sócrates
3. Como Caminhar: Rousseau
4. Como Ver: Thoreau
5. Como Ouvir: Schopenhauer

2. Parte Dois

1. Como Aproveitar: Epicuro
2. Como Prestar Atenção: Simone Weil
3. Como Lutar: Gandhi
4. Como Ser Gentil: Confúcio
5. Como apreciar as Pequenas Coisas: Sei Shonagon

3. Parte Três

1. Como Não Se Arrepende: Nietzsche
2. Como Lidar: Epiteto
3. Como Envelhecer: Beauvoir
4. Como Morrer: Montaigne

4. Epílogo

1. Desembarque
2. Notas

Landmarks

1. Cover